



Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - Nº 54 junho/julho de 2001 - ISSN 1517-0217
sindijor@sindijorpr.org.br - <http://www.sindijorpr.org.br>

Ciclo de idéias

Dez dias de reflexão



O Sindijor do Paraná proporcionou aos profissionais, estudantes e à sociedade curitibana uma série de palestras seguidas de importantes debates com algumas das melhores cabeças pensantes do nosso país.

PÁGINAS 4 a 11

Nota da diretoria

Presidente faz esclarecimento

PÁGINA 2

Apreensão



Mais um jornal apreendido. Até quando?

PÁGINA 3

Sangue Novo



Um prêmio de respeito ao talento

PÁGINA 15

Estágio nas redações

Sindicato inicia experiência

PÁGINA 17



diretoria

Nota oficial Esclarecimento aos jornalistas paranaenses

Mário Messagi Júnior

Em relação à propaganda das Faculdades do Brasil veiculada em rádios de Curitiba, a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná entende que Mário Messagi Júnior não fez qualquer declaração como presidente da entidade e emitiu uma opinião absolutamente pessoal. Importante frisar que, embora a opinião do jornalista e professor esteja ligada ao conhecimento do curso e universidade em questão, esta não tem qualquer referência ao pensamento corrente neste Sindicato. O SJPP não mantém vínculo ou ligação com nenhuma universidade, exceto no campo institucional e, neste caso, sempre teve como preocupação constante a qualidade no ensino. Qualidade esta claramente comprometida pela criação exagerada de novos cursos de jornalismo, especialmente num mercado pouco elástico como o nosso, necessitando sempre de bons profissionais e não simplesmente de muitos profissionais. A relação que o Sindicato estabelece com as universidades paranaenses tem caráter de parceria para eventos pontuais ou atividades específicas, como o Prêmio Sangue Novo que, há seis anos, premia os melhores trabalhos de estudantes de jornalismo. Aliás, o Sangue Novo foi concebido com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, incentivando os estudantes. E isto tem sido alcançado nas várias edições do evento. Outro ponto de contato é o Instituto Paranaense de Jornalismo, criado com o claro objetivo de tornar-se um espaço de intercâmbio na resolução de questões envolvendo as universidades, professores, alunos, profissionais e empresas.

Portanto, o Sindicato não faz indicação a qualquer universidade sob qualquer pretexto, permanecendo à distância e francamente crítico na avaliação da qualidade de todos os cursos. O trabalho realizado pela entidade ao longo das quatro últimas gestões, exigindo melhores condições de ensino e, principalmente, a formação de profissionais mais qualificados, é um compromisso que jamais será deixado de lado, em qualquer hipótese.

Diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná

A veiculação em rádio de declarações minhas sobre o curso de jornalismo das Faculdades do Brasil tem tido, para mim, um ônus que jamais imaginei. Encontraram sentidos inexistentes nas minhas palavras, tentaram ver no gesto um grave atentado à ética, fui acusado de vender a imagem da UFPR, de vender a credibilidade do cargo de coordenador de curso, de ser incentivador da expansão indiscriminada de cursos de jornalismo, de estar ferindo meu contrato de trabalho e o meu regime de dedicação exclusiva. Ouvi críticas justas, mas, na maioria das vezes, fui alvo de ataques e de críticas infundadas. Por isso, devo dizer, em minha defesa, o que segue:

1) Não recebi dinheiro nem para fazer as declarações nem para participar da discussão do currículo das Faculdades do Brasil. Jamais vou admitir que parem suspeitas sobre este assunto. Por isso, enviei carta ao conselho universitário da UFPR rogando pela constituição de comissão de sindicância para apurar a extensão do meu envolvimento com as Faculdades do Brasil. A comissão de sindicância foi constituída através de portaria do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Já disponibilizei todos os meus extratos bancários, desde agosto de 2000, me comprometi com a quebra do sigilo bancário de toda e qualquer conta corrente que tenha em qualquer banco. Também vou disponibilizar minha declaração de imposto de renda e to-

dos os documentos relativos ao meu patrimônio. Com isso, pretendo chegar ao final da investigação tendo como resultado uma retratação pelas tentativas de atribuírem a mim a pecha de venal, coisa que não sou e nunca fui;

2) Sou favorável, sim, à expansão do ensino superior com qualidade. Se opor, pura e simplesmente, à abertura de cursos é uma posição elitista injustificável, é defender que o ensino superior continue inacessível à grande maioria da população. Gostaria que esta expansão acontecesse através das escolas públicas, tanto é que fui o relator da proposta de ampliação de oferta de 22 para 30 vagas, por habilitação, no vestibular de comunicação da UFPR. Mas, pela política educacional, a expansão tem acontecido através da rede privada. Neste quadro, o que sempre me pareceu mais correto é cobrar que os cursos tenham qualidade e não que eles não existam;

3) Dei as declarações como jornalista e como professor e não como coordenador do curso da UFPR. E ainda que não tenha dito que não, também não autorizei a utilização das minhas declarações da forma e na extensão em que foram usadas. Por isso, vou acionar a agência responsável, pedindo uma retratação;

4) em função de todo este processo, do meu desgaste pessoal e de estar em tela de suspeição, a partir do retorno às aulas vou me licenciar do cargo de coordenador do curso de Comunicação da UFPR para responder à comissão de sindicância.

Nota da Comissão de Ética

O Código de Ética do Jornalista, aprovado em Congresso Nacional da categoria, prevê punições para faltas e transgressões cometidas no exercício profissional. Em seu artigo sétimo define: "O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação". Vários artigos tratam de questões ligadas à apuração, redação e edição de material jornalístico, determinando que o profissional se conduza dentro de parâmetros de respeito à dignidade humana, à cidadania e à justiça.

A Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná recebeu correspondência, de

um jornalista associado, manifestando seu protesto ante o comportamento do presidente da entidade, Mário Messagi Júnior, que gravou um comercial de rádio falando do novo curso de Jornalismo das Faculdades do Brasil. Na gravação, ele se apresenta como coordenador do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná e não citava sua condição de presidente do Sindicato.

Embora os integrantes da Comissão entendam que não existem posturas éticas e corretas em diferentes aspectos da vida - pois a conduta ética deve perpassar todas as atividades da pessoa - o caso em pauta não se encaixa no Código de Ética do Jornalista por ser um acontecimento alheio à atividade profissional.

expediente

Extra Pauta é Órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140. Fone/Fax (041) 224-9296. E-mail: sindijor@sindijorpr.org.br

Jornalista Responsável
Mário Messagi Júnior
Reg.prof. 2963/11/101z
Redação
Eduardo Goulart
Colaboradores nesta edição
Marcelo Lima, Rafael Borges,
Sívio Rauth Filho, Simon Taylor

Fotografias
Hugo Abati
Ilustrações
Simon Taylor
Edição Gráfica
Leandro Taques
Tiragem
3.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Não são de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não apresentarem, necessariamente, a opinião de sua editoria.



prêmio sangue ruim

Lerner apreende jornal

Agentes da Receita Estadual apreenderam, no dia 30 de maio, a edição do "Jornal do Fórum", órgão de divulgação do Fórum de Luta por Trabalho, Terra, Cidadania e Soberania do Paraná. O jornal reúne denúncias de escândalos do Governo Jaime Lerner, pede o impeachment do governador e mostra, em página dupla, o Mapa da Corrupção. No dia 1º de junho, o Sindijor-Paraná divulgou Nota de Repúdio, transcrita abaixo, que foi parcialmente publicada por alguns diários da capital. Diretores do Sindicato dos Jornalistas acompanharam a jornalista responsável pela publicação, Léa Okseanberg, até a Delegacia de Estelionato e Desvio de Cargas, onde foi apresentada a documentação relativa à carga transportada de 100 mil exemplares do jornal. Em seguida, o delegado Armando Marques Garcia liberou os jornais. Isso ocorreu na sexta-feira, dia 1º de junho. Segunda-feira, dia 4, o delegado foi afastado das funções. Pouco depois da liberação, o jornal voltou a ser apreendido. Políticos que se solidarizaram com o Fórum – deputados estaduais e vereadores que foram à Delegacia pedir a liberação dos jornais – acabaram advertidos pelo governador, que os ameaçou com cassação de mandato.



Troféu Sangue Ruim: "Homenagem" do Sindijor ao Governo do Estado



Capa do Jornal do Fórum pede Impeachment já

Curitiba, 1 de junho de 2001

NOTA DE REPÚDIO

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná repudia a apreensão do jornal do Fórum de Luta por trabalho, Terra, cidadania e Soberania do Paraná por agentes da Receita Estadual, no dia 30 de maio de 2001. A ação demonstra a face ditatorial do Governo Jaime Lerner ao reprimir a liberdade de imprensa e violar o direito à livre manifestação.

Atitudes como essa deixam claro que as práticas da Ditadura Militar ainda servem de inspiração para grupos políticos no Brasil.

O Sindicato dos Jornalistas defenderá até a última instância o direito de toda e qualquer pessoa de informar a população e manifestar-se, garantindo assim uma legítima defesa da democracia e da cidadania.

Diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná



ciclo de idéias

Orfeu rico é Orfeu ladrão

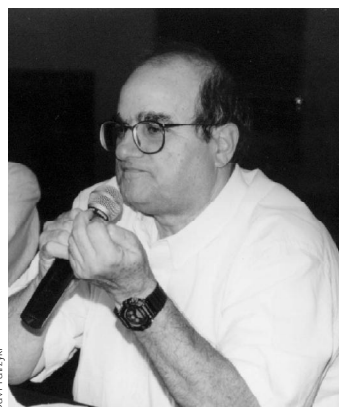
A abertura do 3º Ciclo de Idéias não poderia ter outro palestrante que não fosse Georges Bourdoukan. O escritor e jornalista foi responsável, indiretamente, pela escolha do tema do evento. Uma frase em seu artigo "Reflexões" na revista *Caros Amigos* (fevereiro de 2000), da qual é colaborador, foi a chave inspiradora que a organizadora do Ciclo, a publicitária Cida Mondini, encontrou para esse ano. Bourdoukan, autor do recente "O Peregrino", citou o mito de Orfeu para criticar nossa falta de indignação perante as mazelas de nossa civilização. "Estará a humanidade sob o encanto da Lira de Orfeu?", perguntou. Sua palestra nesse primeiro encontro seguiu o mesmo caminho. Achar respostas para nossa apatia diante da necessidade de transformar um mundo caótico. "Estamos perdendo nossa sensibilidade, nossa percepção do mundo, das pessoas e, pior, nossa dignidade", alerta o escritor.

Sua tática foi apresentar uma série de dados que superam o simples amontoado de estatísticas, procurando sensibilizar a platéia sobre as populações escondidas atrás do biombo dos números. Um deles assusta: 358 famílias possuem renda anu-

al superior a 45% da população do planeta. Outro: as 200 maiores corporações do mundo empregam somente 0,75% dos trabalhadores. Em tempos de apagão, o jornalista garimpou outra desgraça: só os Estados Unidos, que representam 5% da população mundial, consomem 30% da energia produzida. No meio-ambiente a situação não é diferente. Quase a metade, 41%, das terras agricultáveis estão esgotadas ou desérticas. Nos últimos 40 anos destruímos 15% de nossa biodiversidade. Enfim, Bourdoukan mapeou um planeta dominado pelas pressões econômicas, excludente e autofágico.

E, aí, o que vamos fazer? A indignação, segundo o jornalista, tem que ser individual e coletiva. "Estamos sempre a receber ordens porque é legal, é bonito e é moderno obedecer", provoca. Para ele, as populações sofrem o mesmo processo e estão sendo forçadas a se submeterem, ainda mais, à política econômica norte-americana. "O que é essa proposta da ALCA senão o pasteleiro quer ser sócio do Mac Donalds?"

Os meios de comunicação têm papel preponderante na desconstrução da crítica e na formação de um discurso



Bourdoukan: a miséria do planeta

hegemônico. "Não existe mais imprensa, só *fast food* de notícias que oferecem tudo, menos informação". O ex-editor da revista Placar, do jornal O Globo e responsável pelo fechamento da capa da *Folha de S. Paulo* por dois anos, não poupa os colegas de profissão. "Jornalista é um office boy mal remunerado". E emenda: "Jornalista rico é jornalista ladrão".

Bourdoukan acredita que o jornalista vive entre duas "éticas", a patronal e a da comunidade. "O verdadeiro jornalista não pode fazer concessão", sentencia.

ECHELON

Polêmica. Já no encerramento de sua participação, Georges citou um controvertido projeto secreto da agência nacional de segurança dos Estados Unidos chamado ECHELON. Segundo o jornalista, o ECHELON visa grampear a comunicação eletrônica mundial, com o objetivo de monitorar governos, empresas e organizações. Um programa acoplado ao sistema operacional Windows enviaria uma "imagem" das mensagens de e-mail a vários supercomputadores espalhados pelos EUA. Segundo Bourdoukan, o sistema só é acionado quando o texto contém palavras como bomba, atentado, IRA, Jihad, Hamas, etc. O tal ECHELON estaria usando satélites para vigiar telefones celulares e fax. Um protesto virtual está marcado para o dia 21 de outubro, chamado Dia Internacional contra a Invasão de Privacidade, quando milhares de "manifestantes" pretendem abarrotar os computadores espíões enviando mensagens com as palavras "inimigas".

Notícias nos férteis subterrâneos da sociedade

Orfeu poderia ser um jornalista? Ele mergulhou no submundo, conheceu as piores coisas do homem e isso o levou a uma desilusão profunda. A similaridade entre o mito e o profissional da comunicação foi o eixo do debate com o jornalista Luciano Suassuna, chefe de redação da revista *ISTOÉ Gente*. Focalizando a questão do cotidiano do jornalismo, as melhores histórias sempre acontecem nos subterrâneos da sociedade. "Quando se volta à tona, depois de uma investigação, mergulhando fundo no submundo, não podemos nos deixar dominar pelo sentimento de desilusão que vem depois da publicação dessas histórias", afirma Luciano, explicando que muitas vezes as matérias não têm a repercussão esperada.

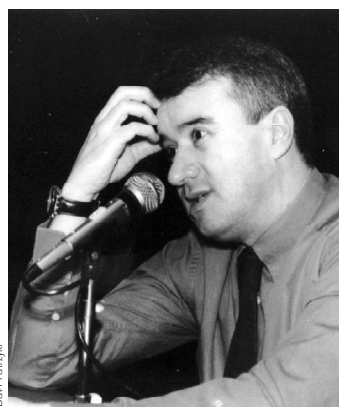
A principal mudança no jornalismo dos anos 90 é a sua identificação com os temas sociais voltados para o desenvolvimento da democracia. A constatação de Suassuna ganha veracidade com a pulverização de editoriais,

principalmente nas revistas, voltadas para educação e cidadania, mas é cético com relação às políticas governamentais nessa área. "Não dá para falar em cidadania sem emprego, sem educação, sob pena de sermos contraditórios com relação ao respeito aos direitos fundamentais".

O desprezo, tal qual Orfeu com as mulheres da Trácia, é um dos pecados da profissão do jornalista. "Em última instância o desprezo leva à arrogância e é uma falha jornalística grave porque você deixou de ouvir as pessoas", argumenta. A regra na revista que coordena é se colocar no lugar da pessoa da qual está se falando. É ser observador e objeto, num cuidado permanente. " Isso se reflete no reaprender o jeito de escrever, quando os jornalistas ainda usam vícios de linguagem ironizando as pessoas", diz.

Ler TV

"Muita gente que começa no jornalismo é inteiramente permeado pelo



Suassuna: TV digital vai ser mais fascista

mundo televisivo e quando começa a trabalhar em revista tem que aprender a ver sem a imagem", analisa Suassuna, aconselhando os novos jornalistas que vejam, mas principalmente, "leiam" a TV.

Segundo o jornalista, a TV digital deve impôr modelo estético fascista nos programas e também nas redações. "Se hoje o padrão da TV fica exigindo um padrão, com a qualidade da TV digital vão exigir um rostinho ainda mais bonito, padronizado".

O caso Zélia

Na vida é tragédia e comédia. Luciano foi o jornalista que descobriu o romance entre a ex-ministra da economia Zélia Cardoso, do período Collor, e o senador Bernardo Cabral. Ele foi o único que foi à festa de aniversário da economista, como repórter da *ISTOÉ*, por pura intuição de que o namorado não deixaria de estar lá. Depois foi do "Besame Mucho", e Suassuna não teve dúvidas. "Ainda assim fiz a matéria descrevendo as conversas entre os dois durante a festa e elas são suficientemente reveladoras, sem que você precise dizer que os dois eram namorados com todas as letras".



ciclo de idéias

Manchetização da notícia e a fé no jornal impresso

O jornalista e escritor Ruy Castro, aos 34 anos de profissão – “Comecei em 1967, no extinto *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro” – embora afastado do trabalho de repórter nas redações desde que passou a fazer sucesso como escritor, há mais de dez anos, não trai as origens e também não abre mão de uma certa ortodoxia profissional. “O jornalismo não é uma profissão comum, em que você pode desligar ao fim do expediente e esquecer o que se passou. Ao contrário, o jornalista, o repórter, está na função 24 horas por dia”, afirma. E complementa: “O jornalista precisa estar razoavelmente informado sobre todos os assuntos e muito bem informado sobre alguns, o máximo que puder.”

E o escritor? Para ele, escrever é fácil, duro é pesquisar para escrever. “Em cada um de meus livros biográficos (*O Anjo Pornográfico*, sobre Nelson Rodrigues, e a biografia de Garrincha) pesquisei durante muito

tempo, uns dois anos cada um. E isso dá trabalho, porque você tem uma informação aqui, outra ali, e tem que checar tudo, conferir as diversas versões sobre um mesmo fato. Depois de um ano, “você volta a ouvir determinada fonte para checar uma informação, ver se essa pessoa mantém a versão antiga. Depois de reunir tudo, escrever é moleza”, afirma.

A uma pergunta do auditório sobre a repercussão da literatura na mídia, Ruy Castro testemunhou: “Nessas biografias que fiz, e também nos livros sobre a Bossa Nova, tive uma boa mídia. Os lançamentos foram bem cobertos e repercutiram bem. Isso, em relação às biografias. Agora, quanto à ficção, a coisa é diferente. Porque jornalista não lê o livro inteiro para fazer a matéria. Ele, no máximo, lê a orelha e o press release da editora. Então, o jornal ou a revista e a televisão apenas registram uma vez e acabou. Nos meus livros biográficos, a cada semana saía uma



Castro: livros de ficção têm cobertura escassa

matéria. Quando parti para a ficção, notei que a cobertura foi escassa”.

Para Ruy Castro, o jornal jamais vai ser substituído em sua importância na análise e aprofundamento do debate. “A Internet é um grande instrumento

democratizante – porque depois dela não haverá mais ditaduras – e um grande instrumento de comunicação. E já é também um fabuloso banco de dados. Com relação à informação, eu temo que ela contamine as pessoas com essa coisa que é a manchetização da notícia. Todos esses jornais e revistas online não têm espaço, tempo e competência para fazer uma coisa aprofundada. Então, a notícia é reduzida a uma manchete. Se você quer ler mais um pouco, você clica e tem mais 10 linhas. Clica de novo e tem mais 15 linhas. Aí você pára, porque ninguém consegue ler um artigo inteiro na Internet, tudo tem que ser muito curto. E eu temo que as pessoas passem a se contentar com essa manchetização da notícia e a achar que uma notícia se resume a uma linha. As notícias devem ser lidas em sua profundidade e discutidas e debatidas. Isso você vai conseguir ainda e somente no jornal. E não vai conseguir na revista mensal ou semanal e muito menos na Internet”.

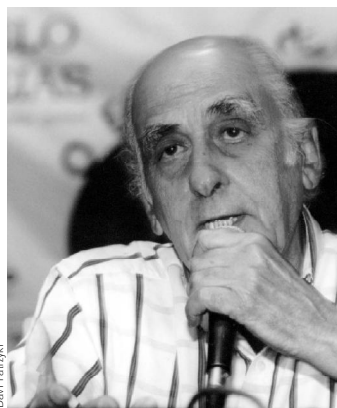
Povo humilhado com vocação para a felicidade

Atto final: Orfeu encontra a felicidade somente na morte, junto a Eurídice. A Lira sobe aos céus, formando a constelação. “Acho que me chamaram para falar sobre felicidade possivelmente porque eu escrevi um livro sobre a inveja”, ironizou Zuenir Ventura no início do encontro de encerramento do 3º Ciclo de Idéias. Escritor, conhecido pelo best-seller “1968-O ano que não terminou”, e jornalista com mais de 40 anos de atuação, Zuenir lançou, em 1998, “Inveja-Mal Secreto”, que já vendeu 110 mil exemplares. A palestra contou também com a presença do psicólogo Cláudio Picazio, do quadro Sexo Positivo, do programa Superpositivo da Band.

Fechando o Ciclo, os participantes foram indagados: para Orfeu a morte, e para nós? A felicidade e paz somente serão verdades no futuro?

Para Ventura, duas condições irão sempre nos perseguir. Ser e não ser feliz. “Infelizmente, vivemos num país onde é difícil harmonizar a felicidade individual com a felicidade coletiva”, explica. Fato que não deixa de ser paradoxal. “A vocação do Brasil é para a felicidade, de um povo tão sacrificado, oprimido, despossuído, tão infeliz, que era para ser um povo cheio de ressentimento, vingativo e no entanto não é”, afirma Zuenir, comentando um pouco de seu livro-diário “Cidade Partida”, onde relata os oito meses vividos na comunidade de Vigário Geral. O medo de perder a felicidade, tão rara, torna-se uma constante. “Convivemos com armadilha de perder a felicidade a qualquer momento”.

Por acreditar na vivência entre os homens, o escritor não é cético com relação à felicidade, e acredita no



Zuenir: ser humano não é produto

rompimento do isolamento do homem. “O consumo tenta fazer do ser humano um produto, nossa saída é

adorar o presente mas respeitar o passado e ter esperança no futuro”.

Os meandros da psicologia já abordam a felicidade de outra forma. “A felicidade vai estar sempre em alguma coisa que eu nunca encontro”, sentencia Cláudio. Para ele, o tema não poderia deixar de fora a mídia, acusada de vender todo o tipo de “felicidades”. “O marketing da felicidade diz que você não pode estar deprimido, porque senão ninguém te aguenta”. O psicólogo ainda foi severo com a programação televisiva. “Na TV, o Programa do Ratinho apresenta uma realidade para que você ache que é feliz, que existem pessoas vivendo situações piores que a sua”, critica. Alcançar a felicidade? Só quando se aprende a respeitar nossos próprios desejos. “Quando a gente lida com nossas dores, a gente acaba alcançando a felicidade”.



Jornalismo e poder, duas faces da mesma moeda

O jornalista Gabriel Priolli, 30 anos de profissão, 26 dos quais no jornalismo e na crônica política, não tem dúvidas: “O jornalismo e o poder são duas faces da mesma moeda”, afirma. E explica: “Não existe o poder que se constitua sem uma comunicação com o grande público. Portanto, o poder não pode de forma alguma prescindir da comunicação. E nós, jornalistas, temos o papel de intermediar entre esse poder e a população”, argumenta, para concluir: “Estamos totalmente interligados.”

Na palestra solo e no concorrido debate que se seguiu, na tarde de uma quarta-feira, estendendo sua intervenção por mais de meia hora além do previsto, o diretor do programa *Vitrine*, da TV Cultura de São Paulo, estendeu seu raciocínio para exemplos concretos e deu o próprio testemunho de atuação como jornalista junto ao poder público. “O jornalismo em si atribui poder a quem o exerce e não é por outra razão que centenas de parlamentares que a gente conhece começaram sua carreira pelo exercício do jornalismo. Então, são duas esferas que se articulam de forma muito intensa”, reforçou.

Priolli contou sua experiência como jornalista, cuja carreira iniciou no auge da ditadura militar. O general Geisel ocupava a Presidência e a guerra política interna do regime produzia, de um lado, o noticiário de abertura democrática, enquanto nas prisões os opositores eram torturados e mortos. “O nosso trabalho na época era extremamente delicado, havia censura prévia e eu trabalhava numa emissora estatal (TV Cultura), ligada ao Governo do Estado de São Paulo, o que tornava o nosso trabalho ainda mais complexo”. E exemplifica: “Eu trabalhava em televisão e era estudante de jornalismo. Minha militância mais direta foi no movimento estudantil, quando fizemos uma greve, em 1976, e acabei sendo testemunha de diversos episódios. Por exemplo, eu estava na sala do secretário de Segurança, Erasmo Dias, que hoje é



DAVI PEREIRA

Priolli: No jornalismo você aprende que nada é absoluto, tudo é necessariamente relativo

deputado, quando foi decidida a invasão da PUC de São Paulo, um fato muito importante na época. A autonomia universitária foi violada, a polícia entrou no campus, houve estudantes feridos por balas e bombas, alguns em estado grave. Eu estava na sala e fui testemunha desse acontecimento, como de outros”.

“A censura era feita na TV, poucos minutos antes do jornal ir para o ar. E nada era documentado. A gente recebia um telefonema. Aqui é o agente fulano, da Polícia Federal, está proibida a

veiculação de qualquer notícia sobre assunto tal. Então era difícil fazer jornalismo porque as coisas estavam acontecendo e não se podia noticiar.

Baseado em sua experiência no jornalismo, mais especificamente na apuração de reportagem política, Gabriel Priolli deixou importantes pontos de reflexão para o auditório formado por estudantes de jornalismo. Alguns deles:

“A posição fundamental do jornalista, diante de qualquer assunto, não só do poder, mas diante de qualquer fato, diante de qualquer coisa, deve ser a desconfiança.

“Se você faz um jornalismo muito ligado à aparência, se você é muito crédulo, você freqüentemente vai ser enrolado. Provavelmente você vai ser muito enrolado. Então, a atitude profissional mais correta é a desconfiança, o pé atrás.

“O jornalismo é uma profissão em que você tem que pôr tudo em dúvida, sobretudo suas convicções pessoais. Você não pode ficar se aferrando a verdades. Não existem verdades absolutas. O jornalismo te ensina que há um relativismo permanente nas coisas. Não existe nada absoluto, tudo é necessariamente relativo.

“O percurso do jornalista começa no idealismo, vai para o ceticismo e acaba no cinismo. O grande problema é você não cair no cinismo. O ceticismo é inevitável. Mas o cinismo é uma postura filosófica bastante negativa, que te atrai pessoalmente, te deixa uma pessoa amarga.

“O sujeito que está na política raciocina dentro de um determinado mecanismo. É um tipo de jogo que tem regras, dentro das quais você joga. E dessas regras não fazem parte a transparência, a verdade, a sinceridade. E aqui eu vou ser bem claro: isso vale para qualquer tipo de agremiação política, qualquer tipo de coloração. Não existe aquela coisa de Robin Hood, de bons e maus, coisa de esquerda é bacana e a direita só tem bandido. A coisa é bem mais complicada do que isso. Tem gente decente nos dois campos, tem gente pilantra nos dois campos, mas todos, indistintamente de serem bons, maus, sérios, desonestos, todos enfim, participam de um determinado teatro chamado política, com um discurso que se constrói, e do qual, bem ou mal, de certa forma, o jornalismo participa.

“Fui uma das últimas pessoas que falou com Wladimir Herzog antes de sua morte. Ele foi um jornalista da TV Cultura, que era militante do Partido Comunista e foi preso, torturado e morto no DOI-Codi do II Exército, em 1975.



ciclo de idéias

Os semideuses em silêncio ouviram os acordes da lira

A indignação política do cartunista Aroeira e a mensagem de esperança do músico Zeca Baleiro convergiram para um entendimento no debate noturno realizado na segunda-feira, dia 23. Aroeira identificou em sua geração um certo inconformismo indignado, que a geração seguinte, simbolizada por Zeca Baleiro, tratou de atenuar com a mensagem da esperança. Nenhum dos dois, no entanto, refrescou o discurso em relação ao poder. “Eu sei onde fica o Inferno, é Brasília. Sei quem é Hades (senhor do inferno), é Fernando Henrique”, fulminou Aroeira, de cara, na interpretação livre do mito de Orfeu. Se lhe fosse dado viver o infeliz herói da mitologia, Aroeira afirma que sua *Eurídice* seria a democracia plena, que ainda não viveu.

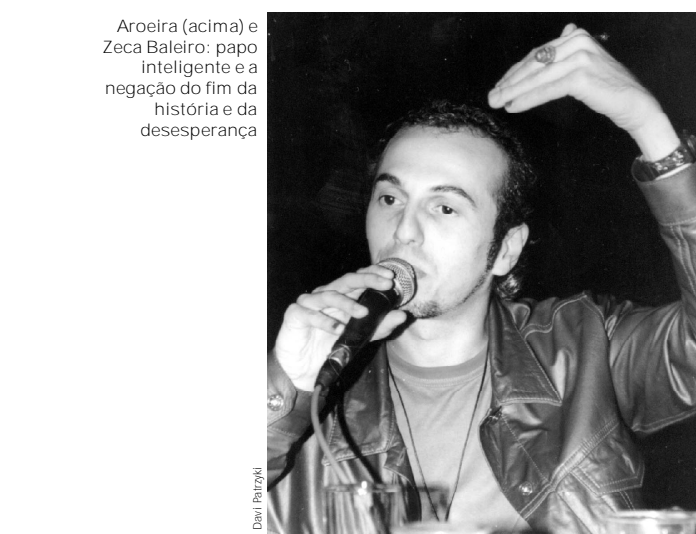


David Patrzyki

Para Zeca Baleiro, “a esperança é o sentimento mais moderno que existe, que se pode ter hoje.” Ele antepõe o sentimento da esperança à globalização desumana: “Essa chamada modernidade que está aí trouxe um desalento, um desencanto muito grande para a vida da gente, apesar das coisas positivas que vieram junto. Além do ceticismo trouxe um certo cinismo”, afirmou. Ele classificou o cinismo como “o pior de todos os sentimentos possíveis, se é que isso é um sentimento.”

Segundo Zeca Baleiro, o fim da história, preconizado pelo pensador Francis Fukuyama, no fim do século 20, nada mais é do que a submissão ao consumismo imediato e à pretensa aniquilação do sentimento de posteridade. E citou um poema que homenageia o mito de Orfeu, segundo o qual, até as árvores desceram à praia para ouvir sua música, enquanto “os semideuses em silêncio ouviram, /E os homens em heróis se transformaram”.

O debatedor concluiu: “Eu acho que talvez o grande segredo, o mistério da história esteja aí. A gente tem que buscar este heroísmo. Não o heroísmo folhetinesco, televisivo e tal, mas este heroísmo da mitologia, fazer sempre crer que a gente pode superar impossibilidades, as adversidades e fazer valer o sonho. O sonho não acabou. Foi o sonho do John Lennon que



David Patrzyki

Aroeira (acima) e Zeca Baleiro: papo inteligente e a negação do fim da história e da desesperança

acabou. O meu permanece e o de vocês também”, concluiu, para a jovem platéia entusiasmada.

Mais panfletário em seu discurso, Aroeira concordou com a postura otimista em relação ao futuro, mas fez questão de identificar entre os atores sociais do presente os vilões responsáveis pelas principais mazelas do país. “A cada vez que um ministro dá uma canetada e tira, digamos,

a merenda escolar de uma cidade do Nordeste, ou do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, ele pode não lembrar, mas ele mata um número determinado de crianças ao fazer isso.” Aroeira reconhece que isso não tem graça nenhuma. Mas observa: “Graça tem, e isso é muito engraçado, quando o Antonio Carlos Magalhães e o Jader Barbalho se destroem mutuamente. Aí, o país penhorado agradece.”

O que é o motoboy lá de São Paulo, perto de um Zé Serra, ou o que é um motoboy perto de um Malan, um sujeito que, aliás, ainda acha que pode ser candidato a presidente da República, um sujeito inflexível na questão econômica, que é uma espécie de office boy de luxo do FMI, que leva e traz os recados, esse cara é o meu inferno.

Esse e seus pares. E nós somos as outras duas coisas ao mesmo tempo: somos condenados e Orfeu nessa parábola que o ciclo está contando sobre o mito de Orfeu e Eurídice.
(Aroeira)

Porque eu acho que se perdeu um pouco aquela noção de perspectiva histórica, de crença no futuro, de acreditar que se pode fazer um futuro diferente do que se vive. Isso tem novamente a ver com a desesperança que a gente vive. Parece que tudo o que a gente faz não tem mais relação com a posteridade, com a eternidade.
(Zeca Baleiro)



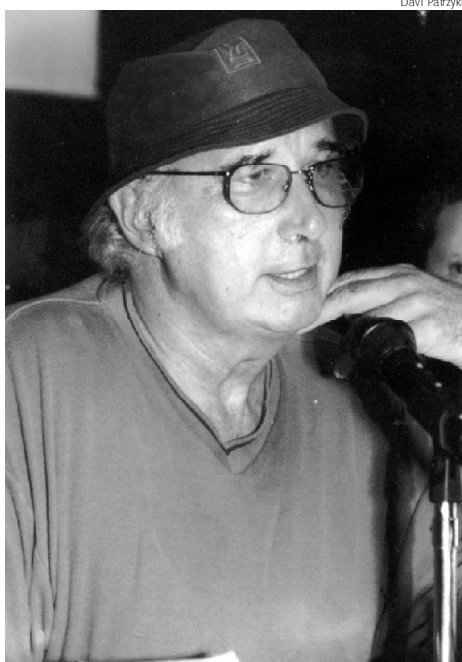
Mapa do inferno leva ao marketing absoluto

A modernidade ou, para os teóricos mais dedicados, a pós-modernidade tem recriado o significado do que chamamos de “experiência”, ou mesmo a forma que a vivenciamos. O tema do Ciclo levantou a seguinte pergunta ao jornalista Tão Gomes Pinto, com mais de 30 anos de labuta nas redações, e ao artista plástico Guto Lacaz, que carrega há muitos anos uma criatividade pulsante em tudo que faz e fala: o que nos leva, na maioria das vezes, a não seguir a voz da experiência?

De saída Tão abordou a sua escolha pelo jornalismo: “sempre fui pelo não atendimento das recomendações do bom senso”- quando a “experiência” talvez lhe reservasse outros caminhos.

“Comecei por acaso no jornalismo enquanto cursava a faculdade de Direito do Largo São Francisco e sonhava ser juiz do trabalho. Hoje, depois de 37 anos de trabalho jornalístico, eu não consigo provar que trabalhei esse tempo todo”. Para Guto há uma íntima luta entre o poder da sedução e o respeito à experiência. “A sedução é terrível, ela tem um lado encantador e um lado traçoeiro que ofusca nossa intuição para não entrarmos numa canoa furada”. Tão complementa a assertiva de Guto. “Depois da tarifa dos 60 anos a gente espera o contrário, que vá ainda ser seduzido por alguma coisa”, brinca.

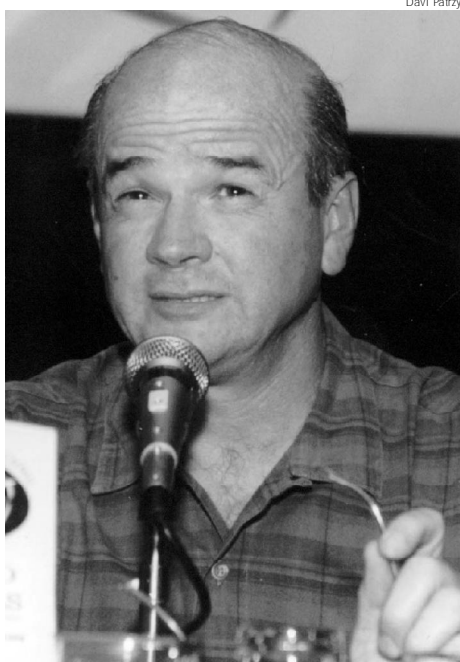
Como Orfeu, que fez um mapa dos infernos de Hades para alertar



Davi Patrzyki

Tão: o irrelevante tamanho do pênis

os mortais sobre os campos obscuros, os palestrantes tentaram detectar algumas mazelas da mídia atual. Entre os dois, o consenso de que a imprensa está dominada pelo marketing absoluto. “É incrível que uma revista nacional fique discutindo na capa o tamanho do pênis do brasileiro”, critica Tão. Guto é mordaz: “As pessoas jogam fora a revista e ficam com o brinde. Tão lembrou que a capa que mais vendeu revista ISTOÉ, onde teve o cargo de editor-chefe por 14 anos, foi em 93, sobre a filmagem de uma “autópsia” de extra-terrestres, realizada na cidade de Roswell, nos Estados Unidos, na década de 40. O Fantástico inclusive apresentou a tal dissecação dos viajantes do espaço. “Nin-



Davi Patrzyki

Guto: escaramuças e simbologia na tevê

guém acreditava naquilo, todo mundo sabia que eram bonecos, um engodo, mas mesmo assim compravam a revista porque tinham curiosidade de comprovar por si mesmos aquela mentira”, diz. No mesmo filão, foi a segunda maior vendagem da revista com a matéria sobre o “homem do Rá”, o paranormal Thomas Green Morton, que vive em Goiás, e tem um séquito de artistas que periodicamente o visitam em busca de “energização”. O jornalista lembrou que teve responsabilidade direta pela edição dessas “reportagens”, mas salientou que a sede das bancas enfraqueceu, em todas as revistas, a cobertura jornalística com maior relevância social e política.

Como que para “pagar”os peca-

dos, a experiência de Tão Gomes em várias revistas serviu de mandamento do que não se deve fazer em seu novo desafio editorial na Revista Imprensa. “A Revista Imprensa está com sérias dificuldades financeiras, mas é independente de governo não se rende à futilidade das três maiores revistas do Brasil, dessa fuga do problema essencial que é a criminosa distribuição de renda e a falta de ética na política”.

Para o experiente jornalista a pós-modernidade colocou os chinelos. O tempo agora é de TV Senado. “A TV Senado em sido uma das melhores programas da TV brasileira, mostrando toda simbologia e escaramuças do poder”. O Senado na TV cria o efeito de um teatro da vida real. Com a presença da TV, os discursos tornam-se flâmulas em defesa do povo, mesmo para um plenário vazio. “Fiquei três horas direto de TV Senado vendo o depoimento da Diretora do PRODASEN como se fosse um filme”, descreve Lacaz.

De passagem, a imprensa em nosso estado também foi comentada. “A imprensa do Paraná tem um potencial de criação muito grande, mas ainda há uma timidez muito grande dos empresários que ainda não descobriram o filão do estado”, deduz Tão. Algo que os jornalistas da terrinha já sabem, e sentem, há muito tempo.



ciclo de idéias

Encantadores e encantados

Se era para falar sobre o encantador que se vê encantado, a cantora e compositora Sandra de Sá acabou encantando a platéia pronunciando seu amor pela arte, pela música e, principalmente, pela paixão de ser brasileira. “O povo brasileiro é um povo encantador e que encanta”, diz Sandra. Avessa ao formalismo de apresentar uma palestra, a cantora preferiu o bate papo, a conversa azeitada, como ela mesmo afirma, pela “verdade aberta”. “Mentir dá muito trabalho”, argumenta.

Quem ou o que nós amamos? Somos encantadores ou encantados? Crítica com relação aos modismos na música, Sandra de Sá ressaltou que a paixão pela qualidade musical su-



David Patrzyki

Sandra: *Bobeatum sum, dançatum est*

blima os encantamentos pelo efêmero. “Depois de uma enxurrada de porcaria no pagode quem se firmou foi o Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Fundo de Quintal, o pessoal antigo”. Ela reclama e ironiza o atual funk: “Não vou a baile funk porque senão vou ter que escutar a música”. “Esse lance que estão chaman-do de movimento funk vai acontecer a mesma coisa; eu falo o seguinte: *Bobeatum sum, dançatum est*”.

Com sensibilidade peculiar, Sandra se diz uma veterana pela sinceridade artística e, atualmente, imune aos enquadramentos impostos pelas gravadoras. “É só a gravadora dizer para o cantor que tal coisa vai vender muito que ele se encanta e

vai, é quase que uma lavagem cerebral”, alerta. Questionada sobre como freiar a insolvência musical que assola o país, Sandra propôs algo que já vem fazendo: a apresentação de novos cantores e compositores nos shows. “A grande revolução é intelectual, no sentido de você saber que um tapinha dói e dói mesmo”, sintetiza.

Foi um dos encontros com maior participação da platéia com perguntas e comentários. Se o debate conseguiu responder aos desígnios iniciais sobre o encantamento do mundo já é outra história. Para a cantora, isso é o que menos importa. “Nosso encantamento tem que ser o que verdadeiramente gostamos de fazer”.

A ética das indulgências

O teatro da política foi o principal tema do jornalista Bernardo Kucinski, professor titular da Escola de Comunicação da USP. Sob o impacto dos acontecimentos políticos daqueles dias, em que a crise decorrente da violação do painel eletrônico do Senado agitava os noticiários, Kucinski entrou de sola na interpretação do comportamento tucano.

Sua teoria: a crise é essencialmente ética. E segue a ética católica, pela qual o indivíduo pode cometer pecados, porque depois vai pedir e obter o perdão. Kucinski lembrou que o alto tucanato, assim chamados os criadores e principais dirigentes do PSDB, originou-se da turma de amigos que faziam política na antiga AP, Ação Popular, movimento de esquerda que se alinhou contra a ditadura militar no final dos anos 60. Kucinski explicou que a AP não era um movimento apenas cristão, mas um movimento essencialmente católico. Dele faziam parte o falecido ministro das Comunicações, Sérgio Motta, e os atuais ministros da Educação, Paulo Renato, e da Saúde, José Serra. Eles chegaram ao poder, apostando numa proposta política. Os dois que sobreviveram ao Governo Fernando Henrique Cardoso são candidatos declarado à sua sucessão. A base política do atual Governo, lembra o escritor, estabeleceu-se com uma aliança entre PFL e PMDB, duas forças



David Patrzyki

Kucinski: ação popular chegou ao poder e quer mais

antagônicas, mas cimentadas pelo PSDB. E a relação entre essas forças sempre foi de troca, “uma troca de indulgências”, prefere o palestrante, para consolidar sua teoria da ética católica.

José Arruda encomendou a lista para chantagear senadores, conclui Kucinski. “Ele apregou pelos corredores do Congresso, antes de ter a lista, que saberia dos votos de todos, porque queria

chantagear os senadores para que não votassem a favor do Luís Estêvão, adversário dele.” A chantagem começou, então, antes da quebra do sigilo e continuou depois, concluiu. “Até no discurso de arrependimento dele tem um elementode chantagem, quando ele pede perdão ao governo, pede perdão aos eleitores... mas ele não pediu perdão ao povo brasileiro. Eu observei isso. Mas pediu perdão ao

Governo e disse: “Governo a quem servi em situações mais difíceis do que esta. Isso tem um elemento de chantagem.”

Então, as idéias que eu coloco são essas: as crises brasileiras têm uma dramaturgia própria, conhecida, embora aconteçam coisas inesperadas, mas tem elementos que se repetem. Eu sei porque vivi várias crises. Lembro do suicídio de Getúlio Vargas, Houve a crise do Collor. A atual tem toda essa idéia do perdão. Mas todas elas têm a idéia do perdão, têm subjacente a coisa da chantagem e é uma crise de natureza essencialmente ética. No fundo de tudo, está a corrupção, a mentira, segredo, engodo, dissimulação, tudo questões éticas. Não são questões ideológicas.

Bernardo Kucinski foi fundador e colaborador de vários jornais alternativos que surgiram na década de 70 para combater a ditadura. Deu sua colaboração para os semanários Opinião, Movimento, Em Tempo. Foi correspondente no Brasil do jornal londrino The Guardian e trabalhou, na Inglaterra, na BBC de Londres, rádio e TV. Entre seus livros publicados, os últimos são: O Fim da Ditadura Militar (Contexto); As Cartas Ácidas da Campanha de Lula de 1998 (Ateliê); Síndrome da Antena Parabólica (FPA); Jornalismo Econômico (Edusp).



ciclo de idéias

“ Pedrão ” mostra o Brasil que o Brasil não conhece

Pedro Martinelli é um fotógrafo crítico e, principalmente, um profissional que se encanta pelo que a fotografia pode prestar à sociedade. Andou por trinta anos na Amazônia, trabalhou com os irmãos Cláudio e Orlando Villas Bôas, registrando a vida dos índios, do homem da floresta, a devastação e, o mais assustador, a aceleração do processo de exploração através de uma rede de grilagem internacional financiado pelas multinacionais. Estar, durante anos, com uma câmera na mão, no meio disso não é o que mais o fascina. “Fotografia é mais do que ter um papel para imprimir. Sair fotografando só para satisfazer o nosso ego, se achar um artista, não é o que eu faço, a gente tem que ter um compromisso”, avisa.

Pedrão, para os amigos, principalmente na Editora Abril onde foi diretor da área de fotografia durante 15 anos, vive o paradoxo de fazer fotografia na Amazônia, onde as lentes estão sempre à serviço da difusão do clichê e do estereótipo. Para ele, a fotografia tem uma função importantíssima na valorização do povo da região. “Só fotografam a festa do Quarupe, as vistas aéreas daquela floresta e rios enormes, isso é zero de informação sobre a Amazônia”.

Autor do recente livro “Amazônia - O Povo das Águas”, fruto de um trabalho de seis anos, nosso palestrante do Ciclo de Idéias prefere o contrato entre maioria e minoria. Descobriu ainda que a informação com profundidade não interessa ao contexto midiático. “Nos grandes jornais, nós temos um setorista para cada clube de futebol, com um fotógrafo na lapela, que saem todos os dias para saber se a perna do fulano está boa; no entanto não temos um, só um jornalista especializado em Amazô-



Davi Penzky

Martinelli leva sua lente à Amazônia e registra imagens honestas

nia”, afirma Pedro, sem conter a revolta. Quando se fala reportagem, sua constatação é de que o jornalista segue um roteiro induzido, um “script” esperado. “Eu saía da redação com poucas janelas para me desviar, para colocar impressões pessoais sobre uma história”. Can-

sado da bula das redações, das idéias pré-concebidas, Martinelli resolveu comprar um barco. “Eu fiquei viajando até ter as fotos que achava honestas comigo e com o tema que estava fotografando, sem o exótico” afirma e completa: “Arara pela arara, jamais”.

Para quem se deparou com uma documentação fotográfica profunda, numa região imensa- “Eu não conheço 30% da Amazônia, teria que viver mais três vidas para conhecê-la”- onde quem dá o ritmo é a natureza, a interferência estatal na floresta tem a mesma dimensão, só que de erros. “Eles ficam em Brasília, entre aquelas divisórias de eucatex, emitindo decreto do que pode e não se pode fazer sobre um lugar que poucos conhecem”, argumenta o fotógrafo.

A Amazônia é uma variável inquieta para as elites governantes. Pedro conta a experiência do programa Comunidade Solidária, da antropóloga e primeira dama Ruth Cardoso, no envio de merenda escolar para a região amazônica. Macarrão, massa de tomate, salsicha em lata, farinha de milho, leite em pó, compunham a cesta. Tudo sem levar em conta a cultura alimentar daquelas populações. “As crianças começaram a comer e passar mal, ter problema de pele, por ignorância do governante” denuncia.

Cheiro da exploração

Se o experiente repórter fotográfico reclama que nosso país ainda não acordou para descobrir a essência da Amazônia outros, há tempos, a estão engarrafando. O legendário Chanel nº5 tem na extração do Pau-Rosa, no Alto Xingu, a alma de sua fragrância, nem que para isso tenha que envolver uma rede de exploração captada pelas lentes de Marti-nelli. Para se obter o óleo de cheiro forte que vai ser usado como fixador do famoso perfume é preciso derrubar a árvore. “Assim, junto com o mogno, o ouro verde da floresta, a Amazônia vai sendo pinçada, corroída”.



ciclo de idéias

A lira afinada seduziu a platéia do Memorial

Se acaso você chegasse” e Elza Soares chegou. Ela deixou de participar do primeiro dia do 3º Ciclo por motivos de saúde, mas em favor do bom acaso, no dia 29, foi ladeada pelo maestro Júlio Medaglia, outro símbolo da fidelidade à boa música brasileira, para o deleite de uma platéia ávida por ser seduzida. E foi. Longe de serem saudosistas, os dois, ao contrário de Orfeu, não têm medo do olhar para trás, e salientaram a pauperização do cenário musical atual e o embrutecimento do ouvido do brasileiro. “A música primária de grupinhos vagabundos sem nenhum talento não vale uma pausa da música de Cartola ou Nelson Cavaquinho”, define o maestro, acostumado com um tempo em que Dalva de Oliveira, Silvio Caldas e Orlando Silva eram artistas populares. Fiel com o que é Brasil, Júlio esteve recentemente rodando o mundo com uma premiada montagem da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, numa produção que mistura encenação e concerto.

Desde seu último disco, o ótimo “Trajetória”, de 97, Elza vem batalhando para gravar um novo disco e viajar com shows. Tem ido muito mais ao exterior do que em sua terra natal. Ganhou prêmio da BBC, em Londres, aonde tem se apresentado com frequência, de melhor cantora do século. “Tenho impressão de que se tivesse uma união de quem tem qualidade poderíamos barrar essa verdadeira invasão dos sem música”, avalia a cantora. Para ela, a “questão” do funk é como perguntar porque cachorro entra na igreja. Simplesmente deixaram a porta aberta.

Bloqueados pela massificação do óbvio, os artistas não encontram anteparo do Estado. E nem deveri-



David Patrzyki



David Patrzyki

O maestro erudito e a cantora popular deram seu depoimento sobre a estética musical brasileira

am. Segundo Medaglia, que foi diretor geral do Teatro Municipal no final da gestão Pita, a função do Estado não é fazer cultura. O Estado é importante na atividade cultural como facilitador, criando espaços culturais e na formação musical com conservatórios e escolas apropriadas. Para Elza, “há muita coisa boa acontecendo”, mas o grande vilão é a televisão. “Um cara paga 80 mil para cantar no Faustão”, denuncia Júlio. “Antigamente eles é que pagavam para a gente cantar; desse jeito fica difícil mostrar nosso trabalho”, completa Elza.

Os festivais, na década de 60, foram um exemplo de que o popular não precisa ser necessariamente degradado. “Naquele momento a indústria cultural colocava para a população a melhor música do mundo, como Domingo no Parque, Disparada, A Banda”, explica Medaglia. “As músicas faziam parte de um projeto estético de cada um dos compositores e intérpretes”.

Para os dois ainda resta uma esperança. Os produtores, em algum momento, terão que se curvar perante o caos e beber da fonte criativa de quem está na periferia da indústria cultural. “Eles(as gravadoras) terão que rever suas posições para poder continuar produzindo e, inclusive, vendendo. Graças a Deus a burrice enche o saco”, conclui o maestro.

Só quem sabe

A platéia aplaudiu de pé Elza, mesmo resfriada, cantar “Meu Guri” sem acompanhamento nenhum. Um momento que marcou o 3º Ciclo de Idéias. Argumentando com a voz ela sintetizou o sentimento de abandono por que passam nossas raízes verdadeiras.



exposição

A Língua do Fotógrafo e o Olho do Poeta”. Este é o título da exposição fotográfica que o CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte e a Delegacia de Foz do Iguaçu do Sindicato dos Jornalistas promoveram de 15 a 18 de maio na Unioeste, campus Foz. A mostra reuniu trabalhos de sete fotógrafos: Áurea Cunha, Fabricio Azambuja, Ney de Souza, Nilton Rolim, Roger Meireles, Robson Meireles e Christian Rizzi, todos profissionais de jornais locais. Vinte e uma poesias, uma para cada foto, compõem o trabalho artístico inspirado no caos urbano da cosmopolita Foz das três fronteiras. Áurea Cunha, delegada do Sindicato dos Jornalistas do Paraná na região, diz que “a exposição mostrou nosso trabalho de uma outra forma, já que este sempre é visto de maneira muito rápida, no dia-a-dia dos jornais diários. A exposição permite uma reflexão mais profunda”. Para Carlos Luz, poeta premiado com o último prêmio Cataratas de Literatura e um dos convidados para a mostra, entende que a exposição *A língua do fotógrafo e o olho do poeta* “é um canal pelo qual a arte ganha as ruas, retratando o próprio cotidiano das ruas da cidade.” Depois do período de exposição, as fotos e os poemas percorreram escolas, associações, bairros e centros culturais da cidade.

A realidade em fotografias e poemas



Christian Rizzi



Áurea Cunha



Roger Meireles



Fabricio Azambuja





informe publicitário

Volvo: na rota da responsabilidade fiscal

Que relação pode existir entre o alerta contra o tráfico de animais silvestres no Brasil e uma das maiores montadoras de veículos pesados do país? Ciente de que os motoristas de caminhão tem sido envolvidos a participar desse tipo de crime ambiental a Volvo do Brasil mantém o projeto "Caravana Ecológica Contra o Tráfico de Animais Selvagens". Patrocinado pela empresa e implementado pela revista Carga Pesada, a Caravana é um espetáculo teatral interativo que percorre postos de combustíveis e eventos onde há grande concentração de caminhoneiros. O objetivo é conscientizar a plateia para a gravidade do crime de tráfico de animais silvestres.



O Projeto já foi visto por centenas de caminhoneiros e acaba de ser agraciado com o Special FrontLine Award, concedido pela IPRA - International Public Relations Association - o maior prêmio mundial de Relações Públicas.

Meio Ambiente, Segurança e Qualidade são valores fundamentais da Volvo expressos não apenas em seus produtos e serviços mas que chegam à comunidade também por outras vias. A Volvo entende que não basta ser uma empresa bem sucedida. É preciso responsabilidade social. Ao longo de seus quase 25 anos de história no Brasil, a empresa tem demonstrado isso na prática.

Programa Volvo de Segurança no Trânsito

A empresa é responsável, por exemplo, pela mais duradoura campanha educativa de trânsito do país, o Programa Volvo de Segurança no Trânsito. Além do concurso anual que premia as melhores idéias para se re-

duzir os acidentes de trânsito no país - só em 2001 mais de 1000 trabalhos foram inscritos - o Programa já realizou, ao longo de seus 14 anos, centenas de simpósios, palestras, seminários e outros eventos. Outro mérito do Programa Volvo de Segurança no Trânsito foi o de ter contribuído fortemente para despertar a sociedade para uma nova postura frente ao assunto. A obrigatoriedade do uso do cinto de segurança e o novo Código de Trânsito Brasileiro que, além de estabelecer punições mais rigorosas aos infratores, definiu a obrigatoriedade da educação para o trânsito nas escolas, estão entre as vitórias de uma mudança cultural brasileira. A mais recente contribuição do Programa neste sentido é o Projeto Transitando, voltado para a educação dos motoristas e pedestres do futuro. Numa parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná, numa primeira fase cerca de 10 mil alunos de 50 escolas de Curitiba e região serão beneficiados. A Volvo for-

necerá o material didático para as escolas e para os alunos, além de capacitar professores e monitorar a implantação e os resultados do projeto.

Exemplo dentro de casa

Mas os projetos sociais não páram por aí. A empresa tem uma série de outras iniciativas que contribuem para a qualidade de vida e bem-estar do seu público mais próximo: os seus cerca de 1500 funcionários e familiares, que perfazem um público total de mais de 5 mil pessoas. A Volvo do Brasil foi a primeira empresa do Paraná a ter sua própria comissão de fábrica; a primeira do país a introduzir o sistema de "banco de horas"; a primeira a adotar jornada semanal de 40 horas para funcionários da produção e também a primeira a definir e colocar em prática um sistema de participação nos resultados.

A Associação Viking dos Funcionários Volvo - a AV - é outro exemplo. Com uma área construída de 69 mil m², e um amplo calendário de

ventos voltados para o lazer, a cultura, a diversão e a prática de esportes, a AV possui Ginásio de Esportes, academias de ginástica, campos de futebol, quadras de vôlei, basquete e tênis; além de salão de festas, churrasqueiras e um bosque com vegetação nativa. Até mesmo um viveiro conservacionista é mantido na AV, para dar abrigo às araras, tirivas, jacus e tucanos que são apreendidos pelo IBAMA e precisam de tratamento especial antes de serem devolvidos ao seu habitat natural.

Fundação Solidarietàde

Solidarietàde também tem lugar na Volvo. É o que vivem dezenas de crianças carentes assistidas pela Fundação Solidarietàde, entidade situada na comunidade de Campo Magro que abriga "casas-lares", onde os menores convivem com pais adotivos e passam a compartilhar do dia-a-dia de uma família. Psicólogos, assistentes sociais, orientadores educacionais e agentes de saúde oferecem todo o apoio necessário às crianças, que freqüentam escolares regulares, de ensino supletivo e profissionalizante, conforme a faixa etária. A Fundação é autônoma e mantida graças a contribuição da Volvo do Brasil e seus funcionários.

O que uma empresa espera ao fazer investimentos sociais? Para a Volvo isso é muito mais do que um reforço à marca. A companhia entende que sua responsabilidade social faz parte de seus valores, crenças, estratégia e visão de futuro. Tem sido assim desde que seus fundadores Assar Gabriellsson e Gustav Larsson fundaram a empresa em 1927 e vai continuar sendo assim por muitos anos futuros.



prêmio sangue novo

A hora dos emergentes

Hugo Abali



A sexta edição do prêmio consagrou o tradicional evento criado pelo Sindicato dos Jornalistas em conjunto com os professores das universidades

O 6º Prêmio Sangue Novo de Jornalismo teve sua noite festiva em 30 de maio, no auditório lotado do SESC da Esquina, para a entrega dos prêmios aos vencedores em cada uma das 11 categorias. Instituído em 1996, o Prêmio Sangue Novo foi criado como um estímulo à qualidade de ensino de jornalismo nas faculdades paranaenses e desde a sua criação conta com o apoio da TV Paranaense e da Gazeta do Povo. Mais uma vez, o Prêmio conseguiu seu intento, na opinião do coordenador das seis últimas edições, o jornalista Emerson Castro. “Além de contribuir para o contato direto entre estudantes e profissionais, a premiação conta ponto para os alunos nas universidades, sendo aceito, inclusive, como título, em concurso público na UFPR. O Sangue Novo consegue mexer com a comunidade acadêmica e com os jornalistas. Em sua sexta edição, está efetivamente consagrado.”

A avaliação dos trabalhos deste ano foi feita por 33 jornalistas, divididos em comissões de três para cada uma das categorias.

Ganhadores

Reportagem Fotográfica – (1º) Leandro Narloch, 3º ano UFPR; (2º) Luis Carlos dos Santo, 4º ano UFPR; (3º) Fábio Boaz Steibel, 3º ano UFPR
Reportagem para Rádio – (1º) Camila Rigi, 2º ano UEL; (2º) José Eduardo Teixeira Costa, 2º ano UEL
Melhor Monografia – (1º) Ângela Valiera Mascarenhas, 4º ano Tuiuti; (2º) Allan de Abreu Aio, 4º ano UEL; (3º) D'angele Alberto dos Santos, 4º ano UEL
Projeto Jornalístico Livre – (1º) D'angele A. dos Santos, Fernanda M. da Silva, Isis F. Pinto, Rodrigo Manzano Corrêa, 4º ano UEL; (2º) Andressa M. Missio, Carlos R. G. Gaspar, Maria Fernanda Cordeiro, 3º ano UEPG; (3º) Alessandra Potamianos, Aline Oliveira, Ana Paula Flores, Fabiana Durighetto, Guadalupe Presas, Juliana Sartori, Lucia Casillo, 3º ano PUC; (MH) Gilberto V. Luys, Eduardo Ribeiro, Gladison Marques, Eloise Guenter, 3º ano UEPG
Projeto em Radiojornalismo – (1º) Carin Wagner Rauth, Juliana Cavassi, Silvane Maltaca, 2º ano PUC; (2º) Fernanda Machado da Silva, 4º ano UEL; (3º) 18 alunos do 2º ano UEL
Projeto Jornalístico para Internet – (1º) Aryane Beatrysz Carraro, Rafael Barion, 4º ano UFPR; (2º) Ângela Valiera Mascarenhas, 4º ano Tuiuti; (3º) Juliane Martins, Ricardo Belinski, 4º ano PUC
Projeto em Jornalismo Impresso – (1º) Aryane B. Carraro, Rafael Barion, 4º ano UFPR; (2º) Annalice Del Vecchio de Lima, Gina Bardini
Reportagem Impressa – (1º) Rafael Barion, 4º ano UFPR, (2º) Ana Paula Ulir, 3º ano PUC, (3º) Tatiane Bonde, 4º ano UFPR
Projeto em Telejornalismo – (1º) Solange Marchal, Suzane M. Gantze, 4º ano Tuiuti, (2º) Ângela Valiera Mascarenhas, 4º ano Tuiuti, (3º) Camila Bordini, Fabiane Burmester, Neide R. Campos, 4º ano Tuiuti, (MH) Márcia Romko, Kelly Rossi, 4º ano UFPR
Reportagem para Televisão – (1º) Ana L. Becker, Ângela, Keyse Caldeira, Leonardo, Márcia, Rafael, 3º ano PUC, (2º) Alunos 3º ano UEPG, (3º) Isis Fernandes, 3º ano UEL
Jornal Laboratório - (1º) Comunicare (PUC-PR), (2º) Laboratório da Notícia (Unicenp), (3º) Revista Entrelinhas (Unicenp)

Jurados

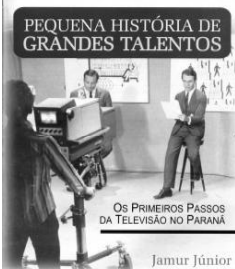
Carlos Alexandre, Revista Dimensão
Carlos Delgado, TV Educativa;
Claudio Dalla Benetta, de Foz do Iguaçu;
Eliane Bernardo, de Ponta Grossa;
Evandro Fadel, correspondente do OESP;
Flavio Kruger, Curitiba;
Heros Mussi Schwinden, Prefeitura Municipal de Curitiba;
Ivan Schimit, de Curitiba;
José Carlos de Oliveira Torres, do Sindijor-RS;
Jota Pedro, de Curitiba;
José Maschio, repórter Folha S. Paulo
Julio César de Lima, Folha do Paraná;
Kraw Penas, fotógrafo da Folha do Paraná;
Luciana Pombo, repórter da Folha do Paraná e Rádio Exclusiva;
Luís Lomba, Primeira Hora;
Marcos Zanatta, Folha do Paraná em Maringá;
Michele Thomé, Rádio CBN;
Niele Melo, PUC-PR e Rede Vida;
Osni Gomes, O Estado do Paraná;
Patrícia Piveta, TV Cultura Maringá
Paulo Pegoraro, Cascavel;
Regina Rocha, Secretaria de Cultura do Paraná;
Rodolfo Bühner, Gazeta do Povo;
Sebastião Natalio, TV Esplanada Ponta Grossa;
Sérgio Murilo, Sindijor-SC;
Simone Franco, Curitiba;
Silvio Oricoli, Gazeta Mercantil-PR;
Silvio Ricardo Demétrius, coordenador Curso de Jornalismo Unipar Cascavel;
Simone Giacometti, TV Cataratas Foz do Iguaçu;
Taneclaer Terezinha Marcon Fante, de Cascavel;
Tibério Vargas Ramos, professor PUC-RS;
Valmir Denardin, Folha do Paraná;
Wilson Soler, TV Paranaense;



jamur júnior

Causos da história da TV

Depois de censurado pela Imprensa Oficial do Estado, que não editou a publicação sob o pretexto de que os fatos narrados envolviam pessoas ligadas ao governador Jaime Lerner, o livro “Pequena História de Grandes Talentos - Os Primeiros Passos da Televisão no Paraná”,



Jamur Júnior

escrito pelo jornalista Jamur Júnior, foi editado pela Assembléia Legislativa do Paraná, que também cedeu suas instalações para o lançamento, em concorrida tarde-noite de autógrafos, no dia 29 de maio. “Fiquei surpreso com a receptividade naquela noite e com a presença expressiva de gente ligada ao pioneirismo da televisão no Paraná”, conta Jamur. Ele citou, entre outros, “o velho Nagib Chede, que com seus 90 anos me honrou com a presença, além dos principais

empresários de televisão em nosso Estado, entre outras pessoas, junto com muitos estudantes.

Jamur Júnior conta, ainda, que, além da receptividade dos leitores, a crítica também lhe foi generosa. “Fui feliz na minha memória, porque ninguém registrou, até agora, qualquer engano de datas, o que é muito comum neste tipo de livro. E os nossos críticos literários, dos quais eu temia algum reparo mais severo, ao contrário, foram muito gentis”, comemora.

“Gostei da experiência e já estou começando a reunir dados para uma nova obra. Esta, será sobre o Rádio no Paraná. Não pretendo fazer uma história do veículo no Estado, mas contar histórias que vivi nas emissoras de Curitiba onde trabalhei”, diz Jamur.

nilson monteiro

Crônicas da alma urbana

O jornalista Nilson Monteiro, editor executivo da Gazeta Mercantil, poeta e cronista, recebeu amigos, colegas de profissão, empresários, políticos e autoridades para o lançamento de seu livro de crônicas Pequena Casa de Jornal, na noite de segunda-feira, 18 de junho, no Espaço Arte e Cultura Telepar Brasil Telecom, que ficou lotado para a noite de autógrafos. O livro tem 40 belíssimas crônicas, que cativam o leitor a cada primeira frase. E o tema de Nilson é um só: a humanidade dos simples, dos camaradas de bar, dos torcedores anônimos - ou nem tanto - do futebol de várzea ou da primeira divisão. O trabalho surpreende e encanta. A surpresa vem da constatação de que o jornalista objetivo, que no dia-a-dia edita páginas áridas de economia no sufoco do fechamento com deadline implacável, ainda mantenha um profundo sentimento humano,

sem resvalar na armadilha fácil do cinismo ou da pieguice. O encanto fica por conta da qualidade literária do trabalho, “seguindo a linhagem de nossos grandes cronistas”, como escreveu, na orelha do livro, o crítico Miguel Sanches Neto, diretor da Imprensa Oficial, que editou a obra, à venda nas livrarias.

Pequena Casa de Jornal - Crônicas, Coleção Brasil Diferente - Imprensa Oficial do Paraná, Outono de 2001, 110 páginas, R\$ 10 (à venda no Sindijor-PR).



Monteiro (esq.) recebe o abraço de Cássio Chameki, da Fundação Cultural

Obrigado, SESC da Esquina



Neste espaço, o Sindijor-PR agradece ao SESC da Esquina a parceria com as iniciativas culturais que proporcionam momentos de boa música, teatro, reflexão e festas como a que promovemos para a entrega de prêmios a jovens talentos



estágios nas redações

Sindicato fixa normas para estágios nas redações

A partir deste mês de julho os estudantes do último ano de jornalismo das faculdades paranaenses poderão ter a oportunidade de cumprir estágio em redações de veículos de comunicação e em assessorias de imprensa. O Sindijor-PR está à disposição das empresas jornalísticas interessadas em contar com estagiários em suas redações, desde que cumpram as normas aprovadas pelo Instituto Paranaense de Estudos de Jornalismo – IPEJ, discutidas e aprovadas ao longo dos últimos dois anos.

Em resumo, as condições são as seguintes: o estágio deverá ter o período máximo de seis meses, o estudante deverá ter concluído o terceiro ano da faculdade, a bolsa será de três salários mínimos, a carga horária equivalerá à dos profissionais, ou seja, de seis dias de cinco horas, o jornal terá que designar um supervisor de estágio e poderá utilizar o trabalho do estudante como produto final. O número de estagiários em cada redação não poderá exceder a 10% dos jornalistas da casa.

A proibição legal de estágios para estudantes de Jor-



nalismo, conforme o Decreto 83.284, de 13 de março de 1979, não impediu que empresas jornalísticas e universidades fizessem convênios para permitir as chamadas *atividades acadêmicas complementares* ou *visitas*

de observação às redações. O Sindijor-PR acompanha essas experiências. No entanto, sempre advertiu as empresas jornalísticas sobre o risco de serem processadas se aproveitarem o material produzido pelos estudantes.

Em 1995, o Congresso dos Jornalistas, realizado em Ponta Grossa, examinou o problema e tirou uma posição a respeito: reconheceu como importante e necessário o estágio para estudantes de jornalismo. Com a criação do IPEJ, que passou a se dedicar ao assunto, o Sindijor-PR chegou este ano à decisão de pôr em prática o estágio, sempre com a preocupação de não ferir a lei e/ou aviltar o mercado de trabalho dos jornalistas paranaenses. No início deste ano, em caráter experimental, duas

estudantes de cursos de jornalismo iniciaram estágios em assessorias de Imprensa do banco HSBC e da Funasa (Fundação Nacional de Saúde Pública), órgão do Ministério da Saúde.

A experiência das principais redações do Paraná

Folha do Paraná

Teresa Urban - Chefe de Redação

"Atualmente, a FP não tem nenhum estagiário, em Londrina ou em Curitiba.

Embora eu considere importante aproximar os estudantes da rotina de trabalho jornalístico antes da conclusão do curso, para aprimorar a visão que eles têm da profissão, não vamos admitir nenhum estagiário até que se resolva legalmente a questão. Há uma situação de conflito, uma vez que o estágio não existe legalmente, mas em quase todos os currículos de recém-formados que recebemos aqui na FP, consta um período de estágio como experiência profissional. É uma situação delicada que temos que resolver e nós estamos abertos para uma conversa a respeito."

Jornal do Estado

Josiane Ritz - Chefe de Redação

"Através de convênio com a Unicenp, recebemos três estudantes de jornalismo por mês, que fazem as chamadas visitas de observação. Sem remuneração, eles acompanham os repórteres e observam o

dia-a-dia da redação. O trabalho deles não é aproveitado pelo JE. Nossa redação tem atualmente 40 profissionais e, das últimas contratações, a maioria é de recém-formados."

Gazeta do Povo

Arnaldo Cruz - Chefe de Redação

"Nós temos dois tipos de estágio na empresa. Aquele feito através do Centro de Integração Empresa-Escola (CIE-E), que a lei veta para jornalistas, mas que fazemos na biblioteca do jornal, em várias funções. Na redação, o que nós fazemos, através de convênios com os cursos de Jornalismo da Federal, da PUC, Tuiuti, Unicenp e Uniandrade, é dar uma oportunidade para o estudante acompanhar o nosso trabalho. Esse estudante, sem remuneração, acompanha o repórter, utiliza o equipamento da redação e produz apenas para comparação. Sua produção não é aproveitada pela Gazeta do Povo. Esse estágio tem duração de 30 dias, improrrogáveis, e atualmente estamos com cinco estudantes. Em casos muito raros houve prorrogação, mas em outra função, como foi o caso de uma moça

que ficou três meses, mas como secretária. Essa foi uma iniciativa que nós tomamos há cinco anos, num convênio pioneiro com a PUC. Atualmente, nós temos cerca de 170 profissionais na Redação da Gazeta, dos quais uns 30 recém-formados. No início deste ano chegamos a contar com 200 profissionais, mas houve demissões, como de resto em todas as redações."

O Estado do Paraná

Rafael Tavares - Chefe de Redação

"Temos um acordo com o Curso de Jornalismo da Tuiuti, que encaminha alguns alunos para atividades complementares, e que cumprem 80 horas, sem ônus para a empresa. Essa carga horária, segundo a Tuiuti, é uma exigência do MEC para a graduação. A própria universidade faz um seguro para o aluno, que previne acidentes de trabalho, danos materiais e custos médicos, caso necessário. Atualmente, o jornal tem quatro alunos nesta situação. Segundo Rafael, eles somente acompanham o trabalho dos profissionais na Redação, estritamente como observadores."



violência

Truculência atinge cinegrafista do Canal 4

Q uo desastre com o avião Navajo, da Táxi Aéreo Weiss, na noite chuvosa de 6 de junho, no Aeroporto Bacacheri, infelizmente não vitimou com ferimentos apenas as três pessoas que estavam a bordo. Na manhã seguinte ao acidente, o repórter-cinegrafista Irani Carlos Magno, 51 anos, que fazia imagens do local para a TV Iguazu, Canal 4, foi agredido à traição, de maneira covarde e sem qualquer justificativa, por Rodolfo Gazabin Júnior, dono da Aymoré Fogos, loja situada em frente ao local do desastre, na Avenida Erasto Gaertner, 1355.

De forma truculenta, o agressor, não contente em esbofetear o repórter, tomou-lhe a câmera das mãos e arremessou-a ao chão, espatifando o equipamento da emissora, avaliado em R\$ 70 mil.

Magno chamou a Polícia Militar, registrou a ocorrência no 5º Distrito Policial, compareceu ao Instituto Médico Legal para fazer o exame de lesões corporais, onde exibiu a marca de um violento soco no pescoço, e deixou o equipamento destruído no local para a competente perícia. Na Justiça, ele buscou orientação para o procedimento adequado em relação à agressão física e moral que sofreu em via pública no exercício da profissão na manhã de um 7 de julho, Dia da Liberdade de Imprensa. O Sindicato repudiou



Carlos Magno exhibe o equipamento quebrado por um irresponsável

Bandeirantes, no sábado anterior, 2 de junho, no Autódromo de Pinhais. Serginho, como é conhecido entre os colegas, tem oito anos de profissão e nunca havia se envolvido antes em cenas como a que acabou protagonizando. Assim que chegou ao autódromo, câmara na mão, o profissional viu uma briga entre competidores de Arrancadão e empregados da empresa Força Livre, que organiza esse tipo de espetáculo. Ao chegar mais perto, enquanto focalizava a confusão, foi atingido pelas costas e derrubado com chutes na altura das costelas. “Voei uns dois metros para um lado, enquanto a câmera ia para o outro”, recordou. No chão, com o equipamento danificado,

a agressão, por meio de Nota Oficial e acompanha o desenrolar do processo.

No Autódromo

Outro atentado ao exercício da profissão ocorreu com o cinegrafista Sérgio Gondaki, 26 anos, da TV

continuou sendo agredido de maneira covarde por um homem, com uma lata de cerveja na mão, que não soube identificar. Depois que o agressor fugiu, Serginho apresentou queixa na delegacia do município de Pinhais e o boletim de ocorrência registrou as escoriações nas costelas e no braço esquerdo.

SESC CENTRO, 41 ANOS PELA FAMÍLIA

Desde a época da família comunitária, abrangente por atender à comunidade, o SESC Centro, sediado na Rua José Lourenço, 571, desenvolve mais de duzentas aulas, envolvendo os mais abrangentes temas sociais.

Entre as atividades oferecidas para a esporte, manutenção de laços: educação sexual e laços, conhecimentos orientais, a dança, todas as modalidades de ginástica, dança de salão, dança de salão jazz, dança salsa para a terceira idade, e aulas de dança para a primeira infância.

De ritmos variados no SESC Centro, há um movimento que vem da origem do Renascimento e seu clima abrange, as atividades de dança barroco e barroco.

Quanto, a bolero, a salsa, o tango, o merengue, a lambada, o chã-chã-chã, a valsa, a polca entre outras, fazem também o ideal para o salão.

Assim como o SESC Centro, uma grande equipe de técnicos pensando na criança, do jovem, ao adulto, no idoso, em toda a família que busca uma vida mais plena.

E certamente, ao meio de tanta diversidade, há um espaço reservado para que o precioso filho confira. Vá conhecer o SESC Centro pelo E-mail: central@sesccentro.com.br ou telefone: Fone 233 7422, fax central 125 - www.sescparana.com.br e e-mail: central@sesccentro.com.br.



A dança americana com socialização, ritmo abrange, juvenis e adultos de toda família. É isso de curso no SESC Centro.



entrevista

A resistência ao pensamento único

Se você, como cidadão, acredita que a imprensa brasileira cumpre o seu papel... e, como jornalista, está feliz com a sua profissão e, para conservá-la, aceita o jogo do patrão em troca de um bom salário... Não há dúvidas, é preciso, com urgência, repensar sua função social. Esta é a tônica da crítica feita pelo jornalista José Arbex Jr em entrevista concedida em Cascavel, durante seminário sobre "Meio Ambiente, Reforma Agrária e Direitos Humanos". Cinco jornalistas conversaram com o editor da revista Caros Amigos, uma publicação que não poupa críticas ao pensamento único (inclusive nas redações) gerado pelo neoliberalismo. Leia a seguir alguns trechos desse bate-papo.

Extra Pauta - *Nossa profissão começa na Universidade. Como você avalia o ensino nas escolas de comunicação?*

José Arbex Jr. - Para falar sobre os problemas das escolas de comunicação, temos pelo menos duas implicações. A primeira é que existe uma política de destruição da universidade como ponto crítico, saber e conhecimento. Seja por meio de corte de verba pública ou por meio da campanha ideológica de criar o provão e moldar, por intermédio do provão, as escolas públicas para aquilo que se chama de necessidade de mercado. Querem transformar a universidade em centro de produção, em peão de mercado. Isso não tem nada a ver com produção do conhecimento e do saber. Existe uma ofensiva muito clara, orquestrada, organizada e sistemática de destruição do saber. Segundo ponto: não se elimina a responsabilidade do estudante, do professor e do intelectual, que deveriam assumir a sua própria formação política e intelectual sem esperar que o Paulo Renato (Ministro da Educação) faça isso. Cabe ao jornalista, em certa medida, a responsabilidade por sua formação acadêmica. Cabe ao professor, em certa medida, a sua formação. Existe uma política universitária. A partir do momento em que você abdica de participar da política universitária, aceitando o quadro de que você é indivíduo que compete no mercado, preocupado com a carreira e não com o problema da universidade como instituição que tem vínculos com a realidade nacional e popular do país; a

partir do momento que você aceita tudo isso, e se dedica exclusivamente a sua carreira, coloca no seu salário a sua preocupação máxima e no seu bem-estar o seu objetivo, você se torna cúmplice da política de destruição que está acontecendo.

EP - *Até que ponto o jornalista atua como mediador e até que ponto ele constrói a realidade?*

JAJ - Bem, isso é questão pessoal. Não cabe uma regra geral. Por exemplo, se para você é mais importante ter um bom salário, casar, ter filhos e plantar uma árvore, então, para você é muito importante aceitar as regras do jogo, fazer o jogo e ser feliz. Por outro lado, é ilusão para um jornalista querer mudar o mundo. Não vai... Qual é a saída? Na minha opinião, os intelectuais devem se vincular aos movimentos populares porque esses movimentos produzem alternativas, como é o caso do MST. O vínculo do intelectual aos movimentos populares dá para ele um instrumental teórico, ético e moral para que ele possa equilibrar o trabalho dele dentro da grande imprensa.

EP - *O jornalista também pode ser importante no trabalho social?*

JAJ - Sim. Aí eu quero fazer uma diferenciação entre o jornalismo como atividade social e emprego. Hoje, o emprego de jornalista não me dá dinheiro nenhum. No entanto, o jornalismo é minha principal atividade. O que eu ganho vem de aulas, livros e publicações. O que eu não entendo é o jornalista prostituir a própria consciência para ganhar o salário.

EP - *Como você analisa a prática do jornalismo em nossos meios de comunicação?*

JAJ - A mídia transformou a produção da notícia num grande espetáculo. Ela tem o poder de condicionar a opinião pública através de recursos que utiliza, mediante a construção de consensos que se baseiam em pesquisa de opinião, dados coletados ao longo de décadas, em séries como *Você Decide* (Rede Globo) e telenovelas. A mídia sabe o que pensa a média do brasileiro. Ela adapta os seus produtos, com um discurso para agradar ao público.

EP - *E o tratamento da notícia?*

JAJ - A mídia conseguiu transformar a notícia em um grande show. É por isso que hoje colocam uma mulher bonita para falar no jornal das oito horas. Às vezes, ela nem sabe o que está falando. Basta ser bonito para agradar visualmente o telespectador. O padre Marcelo Rossi, por exemplo. A maioria das pessoas está se lixando para o conteúdo religioso e nem sabe se ele está



José Arbex Jr.: "Este é o país das corporações multinacionais, onde é proibido pensar"

fanzonem religião ou cantoria. As pessoas consomem esses ícones como espetáculos.

EP - *Você argumenta que o estudante de jornalismo precisa mais de teoria do que da prática. Por que?*

JAJ - É o maior equívoco que pode existir. Nas aulas que dou na Cásper Líbero e na PUC (SP) eu não incentivo os meus alunos a trabalhar. E carrego de teoria. Os livros que eu recomendo são difíceis, as provas são um pepino. É muito difícil passar na minha matéria. Peço para eles lerem Umberto Eco, Guimarães Rosa e os clássicos da literatura. Eu exijo produção intelectual. A universidade foi feita para estudar e não para trabalhar.

EP - *Como você analisa o nível de inteligência dos jornalistas?*

JAJ - É muito deficitário, porque existe essa cultura de que é importante ir para o mercado. Eu acho o contrário: você está na universidade para produzir conhecimento e saber criticar. De macaco amestrado que sabe sentar na frente do computador e escrever um texto isso está cheio, mas gente pensando quase não tem ninguém.

EP - *A revista Caros Amigos seria um caminho escolhido por um grupo de jornalistas para superar essa realidade?*

JAJ - Não. *Caros Amigos* não foi caminho escolhido para coisa nenhuma. *Caros Amigos* começou com um encontro de amigos que estavam na mídia há décadas e que estavam de saco cheio da mídia e resolveram fazer uma revista sem nenhuma preocupação financeira. A maioria dos colaboradores mal recebe pelo que escreve.

A revista cresceu porque existe um vazio intelectual no Brasil.

EP - *A Caros Amigos foi produzida para fazer pensar, o que a maioria da mídia não faz?*

JAJ - Claro. Agora, por que ela foi ganhando um tom cada vez mais político? Porque é proibido ser intelectual no Brasil. É proibido pensar no Brasil. Aqui é o país das corporações multinacionais. Quem pensa é perigoso. A revista começou a ficar perigosa no ponto de vista intelectual, já que pensa e os leitores identificaram isso.

EP - *Muito se tem discutido sobre a ética. O escritor Gabriel Garcia Marquez disse que a ética deve ser como o zumbido do besouro. Já o jornalista Cláudio Abramo pregou a "ética do cidadão". É o caminho que o profissional deve tomar como base?*

JAJ - Como se pode falar de ética num país que é dividido em casa-grande e senzala? A única ética possível no Brasil é a da abolição da escravidão. A sua ética está comprometida porque ela está subordinada a um sistema de preservação da casa-grande e senzala. Não adianta você posar de honesto se você aceita o jogo da casa-grande... Morreu. Acaba aí, você é cínico porque só consegue sobreviver aceitando o jogo da casa-grande. Você acha normal que haja gente sem ter o que comer no almoço e no jantar, prostituição infantil, trabalho escravo? Como você vai falar de ética, quando acha isso normal? Se você não acha isso normal, tem que lutar para acabar com isso.



informe publicitário

Projeto de artesanato

O Projeto de Artesanato Paranaense, que propõe o apoio ao artesanato e a valorização do artesanato, está incluído entre as ações da política de assistência social no Estado do Paraná, coordenado pela Secretaria de Estado da Criança e Assuntos da Família – SECR. O projeto procura resgatar a importância desse tipo de trabalho, enquanto expressão da cultura popular, que reproduz valores da nossa sociedade e que tem papel significativo na economia do país, bem como desenvolver no artesão uma postura empreendedora frente aos desafios que se apresentam na atualidade.

A SECR mantém parceria com a Universidade Livre do Artesanato e Cultura Popular do Paraná – Uniart, que é entidade não-governamental, nas ações referentes ao artesanato paranaense. O trabalho que a Uniart desenvolve atende mais de 9 mil artesãos e 100 associações de Artesanato no Estado.

O projeto atua no sentido de:

- + Promover a valorização do artesanato, viabilizando oportunidades de geração de renda e melhoria da qualidade de vida do artesão paranaense;
- + Capacitar o artesão quanto à gestão de seu próprio negócio, dando ênfase ao microempreendedorismo;
- + Tornar o Projeto do Artesanato Paranaense autogerenciável;
- + Realizar interface com os demais programas e projetos da SECR;
- + Estimular a reativação das Associações de Artesãos não atuantes;
- + Manter atualizado o cadastro de artesãos e



Secretaria Estadual de Comunicação

associações de artesanato, suas práticas, técnicas e produtos;

- + Identificar no Estado do Paraná novos talentos na área do artesanato;
- + Assessorar tecnicamente as associações de artesãos existentes;
- + Orientar na criação de novas associações de artesanato;
- + Possibilitar o desenvolvimento de um trabalho de produção artesanal orientada, assegurando a preservação das características locais, bem como a sua identidade cultural.

UNIART

A Universidade Livre do Artesanato e Cultura Popular (Uniart) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de caráter cultural, educativo, comercial e de fomento ao crédito. Tem como objetivo incentivar, divulgar e promover toda e qualquer ação

voltada para expansão e o aprimoramento técnico do ofício de artesão e do artista popular. É um centro de referência do artesanato e da cultura popular do Estado do Paraná.

Programas da Uniart

A Uniart desenvolve três programas principais:

- + Programa de formação Educativa Complementar
- + Programa de Estudos e Pesquisas
- + Programa de Comercialização “Lojas Feito Aqui – Artesanato do Paraná”

Tem como atribuições:

- + Promover cursos e seminários para assegurar e valorizar o artesanato, capacitando e aperfeiçoando o artesão;
- + Valorizar o artesanato típico regional a fim de preservar a continuidade do trabalho do artesão para as

atuais e futuras gerações;

- + Resgatar os valores culturais da sociedade paranaense através de estudos e pesquisas;
- + Incentivar as manifestações culturais do Paraná, valorizando as peculiaridades de cada região;
- + Propiciar o desenvolvimento socioeconômico dos artesãos e artistas populares, sobretudo os de baixa renda;
- + Fomentar a atividade econômica dos artesãos e artistas populares, mediante a comercialização de sua produção nas Lojas “Feito Aqui – Artesanato do Paraná”.

Os municípios e associações de artesãos que desejarem se integrar ao Projeto de Artesanato Paranaense podem entrar em contato com a SECR (41) 352-2553 Ramal 138 e Uniart (41) 222-6361 ou com os escritórios regionais da SECR em todo o Estado.



livro

Os cães danados não estão na rede

Marcelo Lima (*)

Nos últimos cinco anos, a Internet tem sido o sistema de comunicação que mais cresce no mundo. Apenas no Brasil, há cerca de 10 milhões de internautas, que podem acessar informações e enviar e-mail para onde bem entenderem. Também por causa disso, a rede mundial de computadores soma um significativo conjunto de opiniões favoráveis. Afinal, quem ousaria duvidar de um meio que se revelou tão eficiente, democrático, sem o qual até mesmo o presente texto não chegaria aos leitores do Extra-Pauta? (A propósito: escrevo esta resenha da "CyberStation" da Avenida Brasil, em Santiago do Chile. A não ser pelo teclado, com a marcação habitual do espanhol, tudo é igual. São quase 22 horas e estou no meio das férias, fazendo um trabalho rápido, porque tempo é dinheiro, e o relógio que não pode ser minimizado, no canto da minha tela, me diz que já gastei 800 pesos apenas com a introdução.)

Poucas pessoas duvidam da infalibilidade da rede. Entre elas está o professor da Universidade de São Paulo **Ciro Marcondes Filho**, cujos trabalhos "Linguagem da Sedução" (Perspectiva) e "Sociedade Tecnológica" (Scipione) mostram uma visão bastante crítica em relação à indústria cultural e ao avanço da tecnologia. Seu livro mais recente, "A saga dos cães danados" (Hackers), discute o papel do jornalismo na era da informática. Para ele, o jornalista está perdendo a

função que desenvolveu a partir das revoluções industrial e política, quando a ascensão da burguesia ao poder trouxe uma expressiva demanda por informações e pela exposição da vida privada ao domínio público. Era função do jornalista ser um "cão danado", virando o mundo de pernas para o ar, atrás da notícia. Com o desenvolvimento da tecnologia, no entanto, essa razão de ser está cada vez mais distante.

Para o autor, o jornalismo rendeu-se às leis do mercado. Marcondes defende que houve precarização do trabalho do jornalista: sua formação é mais deficiente; não é o único profissional que detém o poder de transmitir informações (qualquer um pode fazer sua homepage) e está sobrecarregado (veja-se o exemplo deste pobre escriba: em pleno inverno chileno, olhando para a tela do computador, em vez das ranhuras da Cordilheira). No lugar de ser um intelectual, responsável pelo "esclarecimento" dos leitores, o jornalista passou a ser apenas um profissional do entretenimento.

Um outro fato despertou a atenção do pesquisador. Em vez de estar em contato com as ruas e com os "fatos", o repórter recorre mais e mais à rede como fonte de informação. Com isso, trabalha sempre no mundo virtual, utilizando uma rede que é acessada apenas por uma parte da população. Quase todo mundo fica de fora. Sobre ela não há controle, a não ser o do dinheiro.

Marcelo Lima (*) é jornalista e professor

eleições na fenaj

Justiça nega suspensão do processo eleitoral

A juíza **Luciana Corrêa Torres de Oliveira**, da 3ª Vara Cível da Circunscrição Judiciária de Brasília, extinguiu no dia 5 de julho a ação movida por um grupo de pessoas que pedia a suspensão do processo eleitoral e a reabertura do prazo de inscrição de chapas para a eleição da nova diretoria da Fenaj, que será realizada nos dias 17, 18 e 19 de julho (terça, quarta e quinta-feiras). Em sua decisão, a juíza argumenta entre outras coisas que os autores do processo contra a Fenaj não fundamentaram os motivos da ação, deixando de cumprir o mínimo solicitado pelo Código de Processo Civil.

Em sua defesa, a diretoria da Fenaj deixou claro que respeitou todas as regras fixadas no processo eleitoral, que foram definidas em assembleia do Conselho de Representantes da entidade.

A Fenaj é a única entidade de classe nacional que realiza eleição direta para a renovação do seu quadro de dirigentes. Poderão votar na eleição dos dias 17, 18 e 19 de julho todos os jornalistas brasileiros sindicalizados e em dia com as suas obrigações financeiras (pagamento de mensalidade) junto aos sindicatos nos quais são filiados.

Falecimento



Arquivo O Estado do Paraná

O jornalismo e a televisão do Paraná perderam, na última semana de maio, **Narciso Assumpção**, 53 anos, jornalista, ator e apresentador de televisão do início da década de 60. Narciso morreu dia 28 de maio, no Hospital São Carlos, vítima de problemas cardiovasculares e broncopneumonia decorrentes de hipertensão arterial. Narciso foi o primeiro apresentador negro da televisão no Paraná. "Era charmoso, inteligente, risonho e bem humorado o dia todo", resume **Jamur Júnior**, que o "descobriu" na redação da Tribuna do Paraná e o levou para a TV Paraná, do grupo Diários e Emissoras Associados. "Nos ensaios do programa Café com Leite, que criei para ele apresentar junto com uma moça polaquinha, no Canal 6, ele gaguejava muito na leitura. Desconfiei, levei-o a um oculista e batata, não deu outra: óculos nele. A partir daí foi uma beleza", recorda o amigo. Jamur também levou Nar-

ciso para a TV Iguazu, onde ele apresentou, ao lado de **Algaci Túlio**, outro programa pioneiro da televisão do Paraná, um jornalístico transmitido ao vivo, às 7 horas da manhã. Irmão do compositor **Itamar Assumpção** e da atriz **Denise Assumpção**, Narciso participou, como ator, de diversas peças de teatro. Era casado e deixou um filho.

Em Portugal, morreu o jornalista paranaense **Ulisses Adriano Cachuba**, 28 anos, em consequência de ferimentos sofridos em acidente de carro próximo à cidade de Braga. Levado para um hospital, resistiu quatro dias. Sua mãe, **Teresinha**, viajou para buscar as cinzas do filho, cujo corpo foi cremado dia 28 de junho. Formado em jornalismo pela PUC, Ulisses trabalhou na TV Iguazu. Estava residindo em Portugal, onde colaborava em publicação especializada em música.



LIVRARIA DO
ELEOTERIO
Leia. O Livro Liberta.

15% de desconto para jornalistas

Livraria e Editora do Eleoterio
Rua Amintas de Barros, 140
CEP 80060-200 - Curitiba - Parana
Tel/Fax: (41) 324-0308



LIVRARIA DO
ELEOTERIO
Leia. O Livro Liberta.



convênios

NOVOS CONVÊNIOS

Clínica Millennium - FONOAUDIOLOGIA - 50% de desconto para jornalista com carteira da FENAJ. Avaliação fonoaudiológica. Atendimento com as fonoaudiólogas Cristiane Barbosa Mendes e Suzanne Bettega Almeida. Mais informações na Rua Acyr Guimarães 166, Batel. Fone 244-2509

Clínica Gross - 20% de desconto no pacote de 10 sessões de tratamento de fisioterapia dermatológica (estética), realizados com a fisioterapeuta Nelson Alves dos Santos Filho. Localizada na Avenida Presidente Afonso Camargo, 4623. Fone: 366-5234.

CFC Cristo Rei - O Centro de Formação de Condutores Cristo Rei está oferecendo 10% de desconto para jornalistas que apresentarem a carteira da FENAJ no curso para tirar carteira de motorista e/ou moto. Esta promoção estende-se também aos filhos de jornalistas. Rua Nilo Cairo, 8 - Fone: 324-7141

BARES & RESTAURANTES

Café Curaçao - Na apresentação da carteira de jornalista, não é preciso pagar a entrada. O bar funciona de segunda à sábado. Na quinta-feira, a entrada é de R\$ 5 para mulheres e R\$ 7 para homens. Sextas e sábados, R\$ 7 para mulheres e R\$ 10 para homens. Os preços podem mudar quando há festas especiais ou outros eventos. Rua Senador Xavier da Silva, 210. Fone 224-6086. O convênio também é válido para o Curaçao Guaratuba, que só abre nos feriados e durante o verão.

Jockey Lounge Bar - Na apresentação da carteira de jornalista, não é preciso pagar a entrada. O desconto não será dado em dias de eventos especiais. Rua Victor Ferreira do Amaral, 2291, Tarumã. Fone 365-5050

Bar Brahma - Desconto de 10%, apenas para o portador da carteira de jornalista. (Av. Getúlio Vargas, 234, esquina com R. João Negrão, fone 224-1628)

Shima Restaurant - Desconto de 10%. (R. Pres. Taunay, 892, fone 224-3868).

Monsenhor Fast Grill - Desconto de 15%. Aberto de 2ª a 6ª para o almoço. (R. Monsenhor Celso, 270 - Centro)

ACADEMIAS

Aquática - Desconto será de 50% na anuidade e 15% na mensalidade, além da isenção do valor da matrícula, que é de R\$ 30,00. O convênio é válido para natação, musculação e hidroginástica. Rua Antonio Grade, 563, no Mercês, fone 335-1310

Academia Kine - Ginástica com orientação, Nu-

trição e Fisioterapia. Desconto de 20%. R. Mauá, 706 B, Alto da Glória. Fone 253-3841. Funciona das 8 às 20h30min todos os dias.

CURSOS

Instituto Cultural Brasil-Argentina Desconto de 50% na matrícula e 30% na mensalidade para os cursos Espanhol Dinâmico Intensivo e Espanhol Dinâmico Semi-Intensivo. Fones: 252-0332, 254-5006 e 343-6435.

Site www.softone.com.br/icba

Centro Cultural Brasil Portugal - Desconto de 10%. Cursos de português e de literatura brasileira e portuguesa. Rua Paula Gomes, 325 - Centro. Fone 232-5406.

Microcamp Mercês - Desconto de 30% para o Curso integrado Teens e 10% para o curso VIP, além de 5% de desconto no caso de promoções em que os descontos já mencionados sejam concedidos a todos os alunos.

SAÚDE

Clínica Santa Cecília - Consultas médicas a R\$ 25 em todas as especialidades. Desconto de 10% em exames radiológicos. Odontologia com desconto de 45% sobre o preço da tabela da ABO. Descontos também em exames laboratoriais, fisioterapia e psicologia. Fones: 41 225-2627 e 08004126000.

Good Life - Serviços de Odontologia, Medicina. Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicologia e Massote-rapia. Descontos e tabelas especiais, de acordo com sua necessidade. Endereços: R. Padre Agostinho, 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono); Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (Fisio); R. Padre Anchieta, 1826, 2º andar, conj. 212, fone 335-5954 (Medicina) e R. Princesa Isabel, 927, fone 233-3192 (Psico e Massoterapia).

Ao Seu Alcance - A Clínica Odontológica Ao Seu Alcance oferece serviços com até 30% de descontos na tabela do Conselho Regional de Odontologia. R. Voluntários da Pátria, 475/conj. 301-A, fone 232-0166.

Psicologia Infantil e Psiquiatria - O psiquiatra Vítor Ciupka e as psicólogas infantis Suzane Ciupka e Denise Ciupka Yamaguti oferecem descontos especiais para os jornalistas. Mais informações pelo telefone 41 336-7308.

Consultório de Psicologia - Al. Princesa Isabel, 420 - Centro - Curitiba/ PR. 50% de desconto no preço da consulta, na apresentação da Carteira de Identidade de Jornalista. Atendimento psicoterapêutico individual de adultos e adolescentes. Mais informações: 41 223-7748 e 233-7074.

Psicologia - Dionéia Roza, psicóloga, CRP 08/08144-7. D desconto de 42% no valor dos honorários. Fones: (41) 363-7037 e (41) 9982-4215 Rua Dr. Faivre 750 - sala 1006 - Centro

Vitale Consultórios Integrados - rua Visconde de Rio Branco, 1335, conj 92 - Centro. Preço especial para jornalistas na apresentação da Carteira de Identidade de Jornalista R\$ 17 a consulta de fisioterapia, de fonoaudiologia e de musicoterapia também oferece desconto para consultas de psicologia. Mais informações: 41 233-1107

Centro Médico Dr. Bernardo - rua Voluntários da Pátria, 61 1º andar. Consulta R\$ 25,00. Exames complementares seguirão a tabela da AMB. Atende Clínica Geral, Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Dermatologia, Psicologia, Dermatologia e Oftalmologia (inclusive lentes de contato). Mais informações: 41 232-0392.

OUTROS

Previdência Privada - Desconto de 40% na primeira parcela dos planos Crescer ou Investida, da Vera Cruz Vida e Previdência, desde que seja confirmado o pagamento da segunda parcela. Contato com agente corretor Luiz Ribeiro da Fonseca Filho. Fones: (41) 9129-3523

Cia do Emprego - A empresa oferece empregadas domésticas, diaristas, babás, governantas, cozinheiras e chaceiros. Para jornalistas, 15% de desconto na taxa de contratação. Rua Buenos Aires, 1005, Reboças. Mais informações e horário de funcionamento (inclusive aos domingos), 41 322-2068/322-5586.

Rafael Corretora de Seguros - rua Jorge Barbosa, 65, Ahú. Além de descontos promocionais nos valores dos seguros, os jornalistas terão desconto de até 50% na franquia em oficinas credenciadas da Seguradora. Válido também para cônjuges, filhos e pais de jornalistas. Mais informações: 41 353-7350, 352-6034 e 9119-7758 com Mirtes.

Rede de Hotéis Hospedare - Haverá desconto no preço da diária, de até 30%. Os valores e os hotéis conveniados podem ser consultados no Sindicato, pessoalmente ou pelo fone 224-9296. Mais informações: www.hospedare.com.br - hospedare@hospedare.com.br e (41) 228-1900

Ecco Salva - Preço promocional de R\$ 9,66 por pessoa. Mais informações com Sandra (41) 340-8621 e (41) 9603-0297.

rádio corredor

O Estado do Paraná tem dois novos repórteres na Editoria de Cidades: Anselmo Meyer e Lawrence Manoel. ***

Sangue novo em algumas editorias da Folha do Paraná. O jornal contratou Rosana Félix para atuar na Geral e na Economia, Andrea Lombardo em Cidades e Rodrigo Sais na Editoria de Esportes. O caderno Carro & Cia da Folha do Paraná é dirigido agora por Ed Carlos Rocha, que toca o projeto com Fernanda Ongarato. O repórter Emerson Cervi deixou a Folha para tocar projetos acadêmicos na Universidade Tuiuti. ***

O tablóide Primeira Hora contratou Ricardo Sabbag para a Editoria de Comunidades e Marcos Henrique Xavier

para Esportes. Sabbag não deixou a editoria do Spamzine, espaço literário dominical na Internet. Em seu lugar na Gazeta Mercantil-PR entrou Keyse Caldeira. Ainda na GM-PR, Josiane Schultz, de Londrina, emenda férias com licença-maternidade, para tomar conta de Isabel. Nos próximos cinco meses, Rogério Fisher, ex-editor da Folha do Paraná, cobre a licença de Josiane. Newton Chagas, repórter em Curitiba, está licenciado por quatro meses para fazer curso no Canadá. Para cobrir o período foi chamada Cristina Cassiano, ex-Gazeta Mercantil em Ribeirão Preto. Para a produção de textos das chamadas na TV Bandeirantes, a Gazeta contratou Cristiane Lebelem. O fotógrafo

Marcelo Almeida também foi contratado pela GM-PR. ***

No Jornal do Estado entrou Sérgio Luís de Deus. Rodrigo Apolloni, que chegou em abril, foi para a Rádio CBN. Gladimir Nascimento trocou o JE pela TV Bandeirantes, sem prejuízo do trabalho na CBN. Para comentar a edição vespertina do CBN-Curitiba Edição da Tarde, está no ar o jornalista Bernardo Bittencourt. ***

Maria do Carmo Batiston (Duca) deixou a Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado para assumir uma subchefia na Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Curitiba. No Palácio Iguazu entrou o repórter Luiz Henrique Weber.



tabela de salários

SALÁRIOS DE INGRESSO

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador, repórter fotográfico, repórter cinematográfico	1103,83
Editor	1434,98
Pauteiro	1434,98
Editor chefe	1655,75
Chefe de setor	1655,75
Chefe de reportagem	1655,75

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações; Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas. O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

FREE LANCE

Redação	
Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)	59,36
Mais de duas fontes:	50% a mais
Edição por página	
Tablóide	76,80
Standard	92,03
Diagramação por página	
Tablóide	38,40
Standart	52,40
Revista	28,63
(*) Tablita / Ofício / A4	19,53
Revisão	
(*) Lauda (1.440 caracteres)	15,48
(*) Tablóide	32,33
(*) Tablita	24,42
(*) Standard	67,51
Ilustração	
(*) Cor	91,60
(*) P&B	61,06
Reportagem fotográfica - ARFOC	
Reportagem Editorial	
Saída cor ou P&B até 3 horas	139,65
Saída cor ou P&B até 5 horas	261,85
Saída cor ou P&B até 8 horas	349,15
Adicional por foto solicitada	26,34
Foto de arquivo para uso editorial	209,48
Reportagem Comercial/Institucional	
Saída cor ou P&B até 3 horas	277,78
Saída cor ou P&B até 5 horas	494,23
Saída cor ou P&B até 8 horas	659,01
Adicional por foto	52,40
Reportagem Cinematográfica	
Equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante	
(*) Saída até 3 horas	76,47
(*) Saída até 5 horas	122,13
(*) Saída até 8 horas	200,75
Adicional por hora	30,53
Foto de arquivo para uso em:	
Anúncio de jornais	453,67
Anúncio de Revista e TV	488,80
Capa de Disco e Calendário	628,46
Outdoor	962,87
Cartazes, Folhetos e Comisetas	314,22
Audiovisual até 50 unidades	663,39
Audiovisual acima de 50 unidades	à combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	384,07
Reportagem aérea internacional	à combinar
(*) Hora técnica	61,06

Observações importantes:

A produção (filme, laboratório, hospedagem, transporte, seguro de vida, credenciamento, etc.) é por conta do contratante; Na republicação, serão cobrados 100% do valor da tabela;

A foto editorial não pode ter utilização comercial.

(*) Novidades na tabela em caráter experimental.

Sugestões deverão ser encaminhadas ao Sindicato através do fax (041) 224-9296 ou Correio Eletrônico: sindijor@sindijorpr.org.br





O Ronda da Noite chegou a sua sétima edição, no dia 25 de maio, no agitado Cafe Curaçao, do jornalista Joni Basso. Cerca de 120 jornalistas compareceram e aproveitaram as



promoções do Sindicato, com patrocínio do Mercadorama. A festa só teve hora para começar, mas não para terminar. Aliás, é melhor nem falar disso.



Alvaro Colaço e Joni Basso



Mariângela e Simone

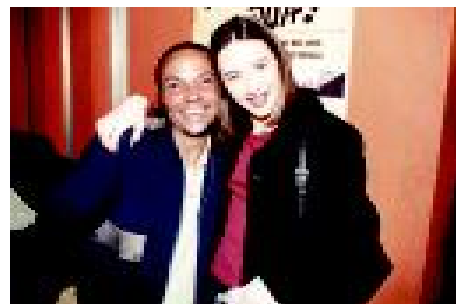


Maria Helena, Maigue e Sulamita



Fotos: Hugo Aba II

Fabiola, Nielle e Alvaro



Ademir e Ligia



Patricia e Paulinho



Tina, Audrey e Lilliana